A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Tradução a partir das edições Akal, Madrid, 1985

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Julius Fucik nasceu em 23 de janeiro de 1903, Após estudar filosofia, em 1921, ingressou no Partido Comunista e iniciou seu trabalho de crítico literário e teatral. Nos anos da ocupação da Checoslováquia por Hitler, publicou sob seu pseudônimo ensaios sobre as figuras mais representativas da cultura democrática checoslovaca, tendo sido detido em abril de 1942 pela Gestapo, no verão de 1943 foi levado a Berlin onde foi executado.

Seu testamento sob a forca, escrito folha por folha no cárcere, foi publicado em 1945, adquiriu grande fama mundial e traduzido para mais de 80 idiomas. Em 1950, como título póstumo, Fucik recebeu o Prêmio Internacional da Paz.

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Testamento sobre a Forca

Julius Fucik

Sumário:

I Vinte e quatro horas

II A Agonia

III Célula 267

IV A 400

V Figuras e figurinhas (I)

VI Estado de Sítio de 1942

VII Figuras e figurinhas (II)

VIII Um pouco de história

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Introdução:

No campo de concentração de Ravensbrück soube – pelo que me disseram meus companheiros de prisão – que meu marido, Julius Fucik, redator do *Rudé Právo* e do *Tvorba*, havia sido condenado a morte em 25 de agosto de 1943 por um tribunal nazi de Berlim.

Minhas tentativas de saber mais sobre sua sorte posterior caíram por terra contra os altos muros do campo.

Uma vez derrotada a Alemanha hitleriana, em maio de 1945, os detentos que os fascistas não tiveram tempo de assassinar foram libertos dos cárceres e campos de concentração. Eu tive a sorte de estar entre eles.

Ao voltar à minha pátria libertada, busquei e rebusquei os rastros do meu marido. Fiz o que fizeram milhares e milhares de pessoas que também buscaram – e muitas ainda buscam seus maridos, suas mulheres, seus filhos, seus pais e suas mães deportados pelos invasores alemães e arrastados a algumas de suas inumeráveis câmaras de torturas.

Soube que Julius Fucik havia sido executado em Berlim no dia 8 de setembro de 1943, quinze dias depois de sua sentença.

Também soube que Julius Fucik havia escrito algo enquanto esteve no cárcere em Pankrác. Foi o guarda A. Kolínský quem procurou os meios para fazê-lo, levando-lhe à cela lápis e papel e tirando clandestinamente do cárcere as folhas manuscritas.

Tive uma entrevista com o guarda. E pouco a pouco pude reconhecer o material escrito no cárcere de Pankrác por Julius Fucik. Reuni as folhas numeradas, escondidas por várias pessoas em diferentes lugares, e as apresento ao leitor. É a última obra de Julius Fucik.

Gusta Fucíková

Praga, setembro de 1945

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Escrito no cárcere da Gestapo em Pankrác; durante a primavera de 1943:

Estar sentando em posição firme, com o corpo rígido, as mãos atadas aos joelhos, os olhos pregados até enegrecer na amarela parede desta cela no Palácio Petschek não é, por assim dizer, a postura mais adequada para raciocinar. Mas, quem pode forçar o pensamento a permanecer sentado em posição firme?

Alguém um dia – talvez nunca saibamos quem, nem quando chamou esse quarto do Palácio Petschek[1] de "sala de cinema". Que ideia genial! Uma grande sala, seis grandes bancos, um atrás do outro, ocupados pelos rígidos corpos dos detentos, e ante eles um muro liso, com uma tela cinematográfica. Nenhuma das produtoras do mundo inteiro fez tantos filmes quanto os que são projetados nessa parede diante dos olhos dos detentos, esperando um novo interrogatório, nova tortura, nova morte. Filmes de vidas inteiras ou dos menores fragmentos da vida; filmes de mães, de esposas, de filhos, de lares destruídos, de futuros destroçados; filmes de camaradas valorosos e de traidores; filmes do homem a quem entreguei aqueles panfletos, do sangue que correrá outra vez, do forte aperto de mãos, do compromisso de honra; filmes repletos de horror e de decisão, de ódio e de amor, de angústia e de esperança. De costas para a vida, cada um contempla aqui sua própria morte. E nem todos ressuscitam. Cem vezes fui aqui espectador do meu próprio filme, mil vezes segui seus detalhes. Agora tratarei de explicá-lo. E se o nó da forca apertar meu pescoço antes de eu terminar, ficaram todavia milhões de homens para completá-lo com um "happy end".

Capítulo I: Vinte e Quatro horas

Dentro de cinco minutos o relógio marcará as 10h. É uma linda e quente noite de primavera, a noite de 24 de abril de 1942.

Me apresso. Tanto quando me permite minha situação de homem maduro que está mancando. Me apresso a fim de chegar à casa dos Jelínek antes que, às 10, fechem a porta da casa. Ali me espera meu "ajudante" Mirek. Sei que desta vez não me informará nada importante. Também eu nada tenho que lhe dizer. Mas faltar ao encontro marcado poderia causar pânico. E, sobretudo, queria evitar preocupações infundadas às boas almas que tem nos acolhido. Me

[1] Quartel general da Gestapo em Praga.

recebem com uma taça de chá. Mirek está me esperando. E, com ele, o casal Fried. Uma imprudência.

— Me alegra muito, camaradas, mas não assim, todos juntos. É o melhor caminho para ir preso ou morrer. Ou respeitais as regras da conspiração ou deixareis de trabalhar, porque assim vos expões ao perigo a si e aos demais. Compreendido?

— Compreendido.

— Que trouxeram para mim?

— A edição do Primeiro de Maio do Rudé Pravo[2].

— Muito bem. E tu, Mírek, como vai?

— Bem. Nada novo. O trabalho vai bem...

— Bom. Nos veremos depois do Primeiro de Maio. Eu os avisarei. Até a vista.

— Não quer outra taça de chá, senhor?

— Não, não, senhora Jelínek. Tem mais pessoas aqui.

— Pelo menos tome uma tacinha, eu imploro.

Do chá, recém servido, levanta uma nuvenzinha de vapor.

Alguém chama à porta. Agora, de noite?

Quem poderá ser?

Os visitantes mostram sua impaciência. Golpes na porta.

— Abram! É a polícia!

— Rápido, para as janelas! Fujam! Tenho pistolas e cobrirei vossa retirada.

Tarde demais! Sob as janelas se achavam os homens da Gestapo, apontando contra nós suas pistolas. Depois de forçar a porta e cruzar o corredor, os agentes da polícia secreta penetram atropeladamente a cozinha e logo estão dentro da casa. Um, dois, três, nove homens. Não me veem porque estou às suas costas. Poderia atirar com facilidade, mas suas nove pistolas

[2] "Direito Vermelho", órgão do Partido Comunista da Checoslováquia.

encaravam duas mulheres e três homens indefesos. Sem disparo, meus companheiros caíram antes de mim: se eu fosse baleado, começaria um tiroteio do qual eles sairiam como vítimas. Se não atiro, os encarceram por seis meses, talvez um ano, e a Revolução os libertará. Mírek e eu somos os únicos sem salvação possível. Nos torturarão. De mim não conseguirão nada, mas, que fará Mírek? Ele, o antigo combatente da Espanha Republicana; ele, que permaneceu dois anos em um campo de concentração na França para voltar de lá ilegalmente a Praga em plena guerra; não, estou seguro que não nos trairá.

Tenho dois segundos para refletir. Ou será que são três?

Se atiro, nada salvarei. Apenas me livrarei das torturas, mas sacrificarei inutilmente a vida de quatro camaradas. É assim mesmo? Sim.

Me decido então.

Saio de meu esconderijo.

— Ah! Tem mais um!

O primeiro golpe é no rosto. Bastante forte como que pra me deixar sem os sentidos.

— *Hände auf*![3]

Segundo, terceiro golpe.

Bem como eu tinha imaginado.

O chão, onde antes reinava uma ordem exemplar, se converteu em um monte de móveis destroçados e de talheres quebrados.

Mais socos e pontapés.

— *Marsch*![4]

Me metem em um automóvel, sempre encarado pelas pistolas. Durante a viajem começa o interrogatório.

— Quem é você?

[3] "Mãos pra cima!", no original em alemão.
[4] "Em Marcha", no original em alemão.

— O Professor Horák.

— Está mentindo!

Encolho os ombros.

— Fique quieto ou eu disparo.

— Pois dispare.

Em lugar da bala, um soco.

Passamos por um bonde. Me deu a impressão que levava coroas de flores brancas. Como? Um bonde de casamento a essa hora, em plena noite? Será a febre começando?

O Palácio Petschek. Nunca acreditei entrar vivo nele. A galope até o quarto andar. Ah! A famosa sessão 11-AI, de investigação anticomunista. Parece até que estou sentindo curiosidade.

O comissário alto e magro que dirigia o pelotão de assalto coloca sua pistola nos bolso e me leva com ele ao seu despacho. Me acende um cigarro.

— Quem és?

— O Professor Horák.

— Está mentindo.

Seu relógio de pulso marca as 11.

— Revistem ele.

Começa a revista. Tiram as minhas roupas.

— Ele tem documentos.

— Com nome de quem?

— Do professor Horák.

— Averiguem.

Fazem um telefonema.

— Como era de se esperar. Seu nome não consta nos registros. Seus documentos são falsos.

— Quem deu isso pra você?

— A delegacia de polícia.

Primeira paulada. Segunda, terceira. Devo contá-las? Não, filho, esta estatística não publicarás nunca.

— Teu nome? Responde. Onde mora? Responde. Quem eram os seus contatos? Responde. E as direções? Responde! Responde! Responde! Se não responder, vamos te matar a pauladas.

Quantos golpes pode um homem são aguentar?

O rádio anuncia a meia-noite. Fecham-se os cafés e os últimos transeuntes retornam às suas casas. Diante das portas, os namorados golpeiam levemente o solo com seus pés, incapazes de chegar a se despedir.

O comissário alto e magro entra na sala com um sorriso de satisfação.

— Tudo vai bem. Não é, redator?

Quem teria lhe dito? Os Jelínek? Os Fried? Mas eles nem sequer sabem meu nome.

— Como vê, já sabemos de tudo. Vamos, fale! Seja razoável.

Que forma de falar mais estranha! Ser razoável significa trair.

Não sou razoável.

— Prendam ele! E o sacudam com força!

Já é 1h. Os últimos bondes já se retiram. As ruas estão desertas e o rádio se despede de seus fiéis ouvintes desejando-os boa noite.

— Quem são os membros do Comitê Central? Onde ficam as emissoras de rádio? Onde ficam suas imprensas? Responde! Responde! Responde!

Agora já posso contar com mais tranquilidade os golpes. A única dor que sinto são os meus lábios, mordidos por meus dentes.

— Tirem as roupas dele.

É verdade. As plantas dos meus pés ainda não perdeu a sensibilidade. Eu o sinto. Cinco, seis, sete... E agora parece que os golpes me penetram no cérebro.

São 2h. Praga dorme. E talvez em alguma de suas camas uma criança ronque entre sonhos e um homem acaricie o quadril de sua mulher.

— Fala! Fala!

Passo a língua sobre minhas gengivas e tento contar os dentes quebrados. Não consigo. Doze, quinze, dezessete? Não. Esse é o número de comissários que me "interrogam" agora. Alguns visivelmente cansados. E a morte demora a chegar.

São 3h. Dos subúrbios vem o amanhecer. Os verdureiros chegam aos mercados; os varredores aparecem nas ruas. Talvez eu viva o suficiente para ver o amanhecer.

Trazem minha mulher.

— Você o conhece?

Eu engulo o sangue para não vê-la... e é inútil, porque brota de todos os poros do meu rosto e das unhas dos dedos.

— Não, não o conheço.

Ela disse isso sem deixar transparecer um pingo de seu horror. É de ouro! Cumpriu a promessa de nunca confessar que me conhece, mesmo quando já é inútil. Quem, então, lhes deu meu nome?

Levaram-na. Me despeço dela com o olhar mais alegre que sou capaz. Talvez não seja tão alegre. Não sei.

São 4h. Amanhece? Não amanhece? As janelas cobertas não me dão a resposta. E a morte, todavia, não chega. Devo ir a seu encontro? Mas, como?

Bati em alguém e caí no chão. Me dão pontapés. Me pisoteiam. Sim, agora o fim virá rapidamente. O comissário vestido de negro me levanta pela barba, gargalhando com satisfação enquanto me mostra sua mão cheia de pelos arrancados. É realmente cômico. Já não sinto nenhuma dor.

Às 5, às 6, às 7, às 10. Meio-dia. Os operários vão e vêm do trabalho. As crianças vão e vêm da escola, nas lojas se vende, nas cozinhas se cozinha. Talvez, nesse momento, minha mãe se lembre de mim. Talvez os camaradas já saibam de minha detenção e tomem medidas de segurança. Porque, se eu falasse... Não, não temam. Não falarei. Confiem em mim. Depois de tudo, meu fim já não pode estar longe. Isto agora é apenas um sonho, um pesadelo febril: os golpes chovem, os capangas me refrescam com água. E novos golpes. E outra vez. Responda! Responda! Responda! Mas ainda não consigo morrer. Mãe, pai, por que me fizeram tão forte?

São as 5 da tarde. Todo mundo já está fatigado. Os golpes já caem lentamente, com longos intervalos; não é mais que a força da inércia. E de súbito, ouço de longe, de muito longe, uma voz suave, doce, terna como uma carícia.

— *Er hat shon genug*.[5]

Mais tarde me acho sentado diante de uma mesa que aparece e desaparece de minha vista. Alguém me dá de beber. Alguém me oferece um cigarro que não consigo segurar e alguém tenta me por os sapatos e diz que é impossível. Depois, meio andando, meio me arrastando, me levam escada abaixo, até um automóvel. Arrancamos. Durante a viajem, me encaram novamente as pistolas: é como uma piada. Passamos por um bonde ornamentado por flores brancas. Um bonde de casamento. Mas talvez seja somente um pesadelo decorrente da febre, ou talvez da agonia, ou da própria morte. Sempre pensei que a agonia era uma coisa difícil; porém, esta não tem nada de difícil: é algo vago e sem forma, leve como uma pena. Basta um sopro para que tudo termine.

É tudo? Todavia não. Porque de novo estou de pé. Verdadeiramente, estou de pé; eu sozinho, sem o apoio de ninguém. Junto de mim se alça uma parede de um amarelo sujo, salpicada de... de que? Parece sangue... sim, é sangue. Levanto um dedo e tendo estendê-lo... consigo... Sim, está fresca. É o meu sangue.

[5] "Já teve o que é seu", no original em alemão

Por trás, alguém me golpeia na cabeça e me ordena levantar as mãos e fazer flexões. Na terceira caio.

Um alto S.S se inclina sobre mim e me dá chutes para que me levante. É inútil. Alguém me lava outra vez e de novo estou sentado. Uma mulher me dá um remédio e me pergunta onde dói. Então, parece que toda a dor se concentra em meu coração.

— Tu não tens coração — me diz o alto S.S.

— Sim, eu tenho — lhe respondo. E de pronto, me sinto orgulhoso porque fui suficientemente forte para sair em defesa do meu coração.

Depois, tudo desaparece ante meus olhos. A parede, a mulher com o medicamento, o alto S.S...

Ante mim se abre uma porta de cela. Um S.S gordo me arrasta ao seu interior, arranca os botões de minha camisa, me deita sobre uma cama, apalpa meu corpo inchado e ordena que se apliquem compressas.

— Olhe — lhe disse o outro movendo a cabeça — olha o que sabem fazer.

E uma vez mais de longe, de muito longe, ouço uma voz suave, doce e tenra como uma carícia:

— Não aguentará até amanhã.

Dentro de cinco minutos, o relógio marcará as 10h. É uma bela e quente noite de primavera, a do dia 25 de abril de 1942.

Capítulo II: A Agonia

"Quando a luz do sol e a claridade das estrelas se extinguem para nós, se extinguem para nós"

Dois homens com as mãos juntas, como que a rezar, caminham em círculo, com passo lento e pesado, em torno de uma cripta branca, cantando com voz monótona e discordante um triste salmodear.

"... és doce para as almas

subir aos céus, subir aos céus..."

Alguém morreu. Quem? Tento virar a cabeça. Talvez consiga ver o caixão do falecido e as duas velas que como dois dedos indicadores se erguem sobre sua cabeça.

"... onde a noite já não mais existe,

onde eterna é a luz do dia..."

Consegui levantar meus olhos. Não vejo ninguém. Não há ninguém: só eles dois e eu. Para quem cantam esses salmos?

"Essa estrela sempre fulgurante

é Jesus, é Jesus..."

É um enterro. Sim, seguramente é um enterro. E a quem enterram? Quem está aqui? Só eles e eu. E eu! Acho que é o meu próprio funeral. Mas escutem: isso é um erro. Eu não estou morto. Estou vivo. Já veem que os observo e que falo convosco. Detenham-vos! Não me enterreis ainda!

"Quando alguém nos dá adeus

pela última vez, pela última vez..."

Não me olham. Estão surdos? Ou eu não estou falando alto o bastante? Ou estou morto de verdade e a eles é impossível ouvir minha voz sem corpo? Será, por acaso, meu corpo, deitado de bruços, espectador de meu próprio enterro? Que cômico!

"Dirija seu olhar piedoso

ao céu, ao céu...”

Me recordei: alguém me recolheu com dificuldade, me vestiu e me deitou na cama. Passos metálicos ressonaram pela galeria e depois... isto é tudo. Já não sei mais. Já não recordo mais.

“Onde a claridade eterna se refugia”

Mas tudo isto é um absurdo. Estou vivo. Sinto muita dor e tenho sede. Os mortos não têm sede. Concentro todas as minhas forças para mover a mão e uma voz estranha e rara, não minha, brota de minha garganta:

— Água!

Até que enfim! Os dois homens deixam de andar em círculos. Agora se aproximam de mim, se inclinam e um deles aproxima dos meus lábios um jarro de água.

— Também deves comer, companheiro. Já fazem dois dias que não paras de beber e beber e beber...

O que me disse? Dois dias já? Que dia será hoje?

— Segunda-feira.

Segunda-feira. E na sexta me prenderam. Como minha cabeça pesa! E quanto refresca a água! Dormir! Deixem-me dormir! Uma gota de água agita a superfície transparente da fonte. É o manancial de um campo entre as montanhas, perto da casa do guarda florestal, ao pé do Monte Rokian. E uma chuva fina e ininterrupta toca o topo agudo dos pinheiros... que doce é dormir!...

E quando de novo me desperto já é terça-feira de noite e um cachorro se encontra diante de mim. Um cão-lobo. Me observa com seus belos e perspicazes olhos e pergunta:

— Onde vivias?

Oh não! Não é um cachorro. Essa voz pertence a outro ser. Sim, existe mais alguém aqui. Vejo umas botas altas e outro par de botas altas, e uma calça de montaria; só que mais pra cima já não vejo nada. E quanto tentar olhar, sinto vertigem. Que importa? Deixa-me dormir.

Quarta-feira...

Os dois homens que cantava os salmos estão sentados em uma mesa, comendo em tigelas de argila. Já consigo os distinguir. Um é mais jovem que o outro e não parecem monges. Nem a cripta é uma cripta; é uma cela como qualquer outra. As tábuas do piso partem dos meus olhos para desembocar numa porta pesada e negra.

Uma chave range na fechadura. Entram dois homens que ficam em posição de guarda. Outros dois homens, com uniforme da S.S, entram e ordenam que me vistam. Ignorava quanta dor pode esconder-se em cada perna da calça, em cada manga da camisa. Me colocaram sobre uma maca e me desceram escada abaixo. Passos de botas metálicas ressoam ao longo do corredor... Este é o caminho pelo qual me levaram e me trouxeram sem eu saber. Para onde ele leva? Em que inferno desemboca? No sombrio e desagradável escritório de registro da *Polizeigefängnis*[6] me jogam no chão e uma voz checa, com fingida bondade, me traduz uma pergunta esculpida furiosamente por uma voz alemã.

— Conhece ela?

Seguro a barba nas mãos. Ante a maca está uma jovem de gordas bochechas. De pé e de cabeça erguida observa sem ostentação, mas com dignidade, com os olhos algo de baixos: o suficiente para me ver e me saudar.

— Não a conheço.

Lembro-me de tê-la visto uma vez e por só um momento naquela terrível noite no Palácio Petschek. Esta é a segunda vez e, infelizmente, não mais voltei a vê-la, como queria, para apertar sua mão pela dignidade que havia demonstrado. Era a mulher de Ernesto Lorenz. Foi executada no primeiro dia do estado de sítio, em 1942.

— E esta? Seguramente a conhecerá. Anita Jiráskova! Por Deus, Anita! Como veio parar aqui? Eu nunca pronunciei seu nome. Não tenho nada contra você. Não a conheço, entendo, não a conheço.

— Não a conheço.

— Seja razoável, homem.

[6] Detenção da polícia alemã em Pankrác.

— Não, não a conheço.

— É inútil, Julius — disse Anita, enquanto uma ligeira pressão de seus dedos no lenço confessava sua emoção — Me delataram, é inútil.

— Quem?

— Calado!

Alguém interrompe sua resposta e a empurra brutalmente quando se inclinava para me dar as mãos.

Anita!

Já não ouço mais as perguntas. E como de muita longe, sem nenhuma dor, como se estivesse observando apenas, sinto como se os dois S.S me levassem de volta à cela, balançando brutalmente a maca e perguntando-me, aos risos, se não preferia ser balançado pelo pescoço.

Quinta-feira.

Começo a distinguir melhor. Um dos meus companheiros de cela, o mais jovem, chama-se Carlos, e este chama de "pai" ao outro, o mais velho. Me contam sua vida, mas tudo se confunde em minha cabeça. Falam de uma menina e de meninos sentados em um banco. Ouço uma campainha. Será que há um incêndio? E me dizem que todo dia vêm me ver o médico e o enfermeiro da S.S, que meu estado de saúde não é tão grave e parece que muito em breve estarei recuperado. Tal coisa disse o "pai" com tanta insistência e o Carlos o aprovava com tanta convicção que, mesmo no estado em que me encontro, compreendo que se tratava de uma piedosa mentira. Que bons rapazes! E quanto sinto por não acreditar neles!

Entardece.

Se abre a porta da cela e, silenciosamente, com a ponta das patas, entra correndo um cachorro. Se detém junto a minha cabeça e me observa de novo atentamente. Outra vez dois pares de botas altas. Mas agora já sei: um pertence ao dono do cachorro, o diretor da detenção de Pankrák, e o outro ao chefe da seção anticomunista da Gestapo, que presidiu meu interrogatório noturno. Eles são seguidos por um par de calças de bombacha. Levanto os olhos: sim, o conheço. É o comissário alto e magro que comandava o pelotão de assalto que me prendeu. Se senta numa cadeira e começa o interrogatório.

— Já perdeu o jogo. Salve tua cabeça pelo menos. Fala!

Me oferece um cigarro. Não aceito. Não teria forças para fumá-lo.

— Quanto tempo viveu na casa dos Baxa?

Os Baxa! Até isso eles sabem. Quem os disse isso?

— Já podes ver: sabemos tudo. Fala!

Se já sabem de tudo, então para que falar? Não vivi em vão. Minha vida não foi estéril e não tenho porquê estragar seu fim.

O interrogatório dura uma hora. O comissário não grita. Repete com paciência as perguntas e, ao não receber respostas, faz uma segunda, uma terceira, uma décima pergunta.

— O que ainda você não entendeu? Está tudo acabado, compreende? Vocês já perderam tudo.

— Apenas eu perdi tudo.

— Você ainda crê na vitória da Comuna?

— Claro.

— E crê ainda — pergunta o chefe alemão e o comissário alto o traduz — crê ainda na vitória da Rússia?

— Claro. Isto não pode terminar de outra maneira.

Já estou cansado. Concentrei todas as minhas forças para me proteger de suas perguntas. Mas agora minha consciência se perde rapidamente, como o sangue que brota de uma ferida profunda. Ainda percebo quando me dão a mão. Talvez leiam em meu semblante o sinal da morte. Em alguns países era costume que o algoz beijasse o réu antes de sua execução.

Anoitece.

Dois homens com as mãos juntas caminham em círculo, cantando com voz monótona e discordante um triste salmodiar:

“Quando a luz do sol e a claridade das estrelas se extinguirem para nós, se extinguem...”

Oh amigos, amigos, não prossigam! Pode até ser bonita sua canção, mas hoje é a véspera do Primeiro de Maio, a mais bela e alegre festa do homem.

Trato de cantar algo mais alegre, mas parece soar tristemente. Carlos vira a cabeça e o "pai" seca suas lágrimas. Não importa. Sigo cantando e, pouco a pouco, eles se unem ao meu canto. Durmo contente.

Madrugada do Primeiro de Maio.

O relógio da torre da detenção dá três campanadas. É a primeira vez que o ouço claramente. Pela primeira vez desde a minha detenção tenho a consciência nítida. Sinto o ar fresco que penetra a janela aberta e banha meu colchão, estendido sobre o chão. Os pedaços de palha cravam no meu peito e na minha barriga. Cada partícula do meu corpo dói como mil dores e respiro com dificuldade. De repente, como se aberta uma cortina, vejo claramente: é o fim. Estou agonizando.

Demorou muito para chegar, morte. Apesar de tudo, esperava te conhecer mais tarde, depois de muitos anos. Esperava ainda viver a vida de um homem livre: poder trabalhar muito, amar muito, cantar muito e percorrer o mundo. Precisamente agora, quando chegava à maturidade e dispunha de muitas forças. Já não as tenho. Estão se esgotando. Amava a vida e por sua beleza marchei ao campo de batalha. Homens: eu os amei. Fui feliz quando correspondiam ao meu carinho e sofri quando não me compreenderam. Que me perdoem aqueles a quem causei dano. Que me esqueçam aqueles a quem procurei alegria. Que a tristeza jamais se una ao meu nome. Este é meu testamento para vós, pai, mãe, irmãs minhas; para ti, minha Gustina, e para vós, camaradas; para todos aqueles a quem eu amei. Chorem por um momento, si creem que as lágrimas apagarão o turbilhão da pena, mas não se lamentem. Vivi pela alegria e pela alegria morro. Delito e injustiça seria colocar sobre minha tumba um anjo de tristeza.

Primeiro de Maio! Ano passado, a esta mesma hora, já estávamos nos subúrbios da cidade preparando nossas bandeiras. A estas horas, nas ruas de Moscou, se põe em marcha os primeiros grupos para participar do desfile. E agora, precisamente a esta mesma hora, milhões de homens lutam o combate final pela liberdade humana, e milhares e milhares caem nesse combate. Eu sou um deles. E ser um deles, ser um desses combatentes na batalha final é algo maravilhoso.

Mas a agonia não é maravilhosa. Me afogo. Não posso respirar. Ouço o ronco gemer na minha garganta e temo acordar meus companheiros de cela. Talvez poderia silenciá-lo com um pouco de água. Mas toda a água do cantil já foi bebida. Ali, a uns seis passos de mim, no banheiro situado no canto da cela, há água suficiente. Terei forças para chegar até lá?

Me arrasto silenciosamente sobre a barriga, como se toda a glória da morte consistisse em não acordar ninguém. Consegui chegar e bebo avidamente a água do fundo da privada.

Não sei quanto tempo estive, nem quanto demorei a voltar. De novo começo a perder a consciência. Busco meu pulso. Nada sinto. O coração me veio à garganta e logo caio num golpe. Eu caio com ele. Caio durante um longo tempo. Na queda percebo, todavia, a voz de Carlos.

— Pai, pai, escuta. O pobrezinho está morrendo

Pela manhã chegou o médico. Mas tudo isto soube mais tarde. Veio, me examinou e moveu a cabeça. Logo voltou à enfermaria, rasgou o certificado de óbito que havia escrito com meu nome um dia antes e disse, em um elogio de especialista:

— Que natureza de cavalo!

Capítulo III: Cela 267

Sete passos da porta para a janela. Sete passos da janela para a porte.

Já a conheço.

Quantas vezes tenho percorrido esse trecho sobre o piso de madeira em minha cela de Pankrác! E talvez seja essa a mesma onde ano passado fui preso por ter visto com clareza as consequências que teria para o povo a funesta política da burguesia checa. À frente de minha cela passeiam os guardas alemães e lá fora, em algum lugar, as cegas Parcas da política tecem novamente o fio da traição. Quantos séculos o homem tem necessitado para, enfim, abrir os olhos? Por quantas milhares de celas já passou a humanidade em seu caminho adiante? E quantas ainda terão de percorrer? Oh, Menino Jesus de Nazaré: o final do caminho de salvação da humanidade, no entanto, ainda está longe! Mas não durmas mais, não durma mais.

Sete passos adiante, sete passos atrás. Em uma das paredes, o beliche, e na outra, a prateleira com tigelas de barro. Sim, já a conheço. Agora, aqui, tudo já está algo de mecanizado, o aquecimento é central, o depósito foi substituído por um banheiro mecânico. Mas são os homens, especialmente os homens, os que estão mecanizados. Como robôs. Aperta um botão, por assim dizer, e faz um ruído com a chave na fechadura da porta ou abre a fresta e os prisioneiros deixarão o que quer que estivessem fazendo para saltar em uma fila, parados. Abre a porta e o responsável da cela gritará sem tomar alento:

— Atenção! Cela 267. Três homens. Todos em ordem.

Eis aqui, pois, a 267. É a nossa cela. Mas nessa cela nem tudo funciona com tanta exatidão. Só saltam dois presos. Enquanto eu sigo deitado no colchão, abaixo da janela, de bruços. E assim foi uma semana, quinze dias, um mês, seis semanas. E volto a nascer. Já movo a cabeça, levanto uma mão, me apoio sobre os cotovelos e até tento me sentar... na verdade, isso se escreve com mais rapidez do que se vive.

Também a cela sofre mudanças. Ao invés do três, penduraram o número dois. Carlos desapareceu, o mais jovem dos dois homens que haviam me enterrado cantando tristes salmos, ficando, na sua ausência, apenas a recordação de um bom coração. De fato, minha memória é borrada e só abarca os dois últimos dias de sua estadia entre nós.

Se chama Carlos Malec, é mecânico e trabalhou na gaiola de uma mina de ferro nas proximidades de Hudlice, de onde roubou explosivos para os combatentes clandestinos da resistência. Foi preso há quase dois anos. Agora será julgado, talvez em Berlim, com todo um grupo de presos. Todo mundo sabe como terminará o processo! Tem mulher e dois filhos. Os ama, os ama muito, mas... "era meu dever, entende? Não podia fazer outra coisa".

Permanece sentado muito tempo comigo e trata de me fazer comer. Não posso. No sábado – estou aqui há oito dias? – recorre a um método violento: anuncia ao *Polizeimeister*[7] que não comi nada desde que estou aqui.

O *Polizeimeister*, sempre agitado, com uniforme da S.S e que sem permissão do médico checo não tem direito nem de receitar uma aspirina, me traz pessoalmente uma sopa e observa enquanto tomo até a última gota. Carlos está muito contente do êxito conseguido com sua intervenção e no dia seguinte ele mesmo me obriga a beber a taça de sopa do domingo. Mas daqui não passa. Minhas gengivas destroçadas não podem mastigar nem as batatas cozidas do guisado de domingo e minha garganta, inchada, se nega a deixar passar outro bocado de comida um pouco mais sólido.

— Nem o guisado você quer — se lamenta Carlos movendo tristemente a cabeça. E depois, gulosamente, começa a comer minha ração, cedendo honradamente a metade ao "pai".

Ah, vocês que não viveram o ano de 1942 na prisão de Pankrák, não podem jamais chegar a saber o que é, o que se supõe ser, o guisado. Às vezes, inclusive nos piores tempos, quando o estômago rugia de fome e nas duchas se viam esqueletos cobertos de pele humana, quando um camarada roubava o outro, pelo menos com os olhos, um bocado de sua ração, até mesmo um asqueroso purê de legumes secos recheados com molho de tomate nos parecia um delicioso e desejado banquete. Inclusive nos piores tempos, duas vezes por semana, às quintas e domingos, os presos de serviço transbordavam suas tigelas de conchas de batatas, regando-as com sopa de molho e algumas fibras de carne. Era maravilhosamente apetitoso. Mais que apetitoso: era uma lembrança material da vida humana, algo da vida civil, algo de normal na cruel anormalidade da prisão da Gestapo, algo do que se falava suave e voluptuosamente. Ah,

[7] Enfermeiro da detenção.

quem pode compreender o valor supremo que alcança uma colherada de uma boa sopa, condimentada pelo terror e o medo, sob o enfraquecimento e a frouxidão contínuos!

Se passaram dois meses, que me permitiram compreender a grande estranheza de Carlos. Eu havia rechaçado até o guisado. E nenhuma outra coisa pôde persuadi-lo mais eficazmente de que minha morte estava próxima.

Na noite seguinte, às duas, despertaram Carlos. Em cinco minutos tinha que estar pronto para o transporte, como se fosse se ausentar só por alguns momentos, como se o que lhe esperava não fosse uma nova prisão, um novo campo de concentração, ao cadafalso ou quem sabe onde. Se ajoelhou ante minha cama e apertando minha cabeça entre suas mãos me beijou. Do corredor nos chegou o rouco grito de um capanga com uniforme, provando-nos que os sentimentos não têm lugar na prisão de Pankrák.

Carlos cruzou a porta correndo. A fechadura rangeu secamente.

E ficamos só nós dois na cela.

Nos veremos de novo, garoto? Quando será a próxima despedida? Quais dos dois que ficaram sairá primeiro? E para onde? E quem o chamará? Um guarda com uniforme da S.S ou a morte, que não tem uniforme? O que agora escrevo é só o eco dos pensamentos que me acompanharam depois de sua partida. Um ano se passou desde então e os pensamentos que acompanham o camarada em sua partida se vem repetindo frequentemente com mais ou com menos insistência. O número dois pendurado na porta da cela, mudou-se para um número três, e outra vez em um dois, e de novo em três, dois, três, dois. Novos companheiros de cela chegaram e se foram.

Unicamente dois dos que passaram pela cela 267 permaneceram fielmente juntos. O “pai” e eu.

O “pai...” é o maestro Josef Pesek, de sessenta anos de idade, presidente do comitê dos maestros, detido oitenta e cinco dias antes de mim porque enquanto elaborava um projeto que queria reformar as escolas livres checas, tramava um complô contra o Reich alemão. O “pai” é... mas, como expressá-lo? É dificílimo! Dois, uma cela, e um ano. Durante esse tempo

desapareceram já as citações que condicionavam o nome de “pai”; durante este tempo, os dois detentos, de diferentes idades, se converteram verdadeiramente em pai e filho; durante esse tempo temos compartilhado costumes, formas de expressão e até mesmo entonação de voz. Trata-se de reconhecer agora o que é meu e o que pertence ao “pai”, o que ele introduziu na cela e o que eu introduzi. Noites inteiras estive velando e à base de compressas frias mandou embora a morte quando esta se aproximava. Sem descanso limpava o pus de minhas feridas e jamais manifestou a menor repugnância pelo fedor que infectava meu colchão. Lavou e costurou os miseráveis farrapos que viraram minha camisa durante o primeiro interrogatório. E quando esta esteve completamente inutilizável me vestiu com sua própria roupa. Me trouxe uma margarida e um talo de grama que arriscou buscar no pátio da prisão de Pankrák, durante a meia-hora de ginástica. Me seguia com seus olhos carinhosos quando me levavam aos interrogatórios e voltava a por as compressas frias sobre as novas feridas que retornavam comigo. Quando me levavam aos interrogatórios noturnos jamais pregava os olhos até eu voltar, e me colocava sobre o colchão, cobrindo-me cuidadosamente com as mantas.

Tais foram os começos da nossa vida em comum, nunca traídos durante os dias que se seguiram, quando pude sustentar-me sobre minhas próprias pernas e pagar minhas dívidas de filho.

Mas tudo isto, garoto, não posso descrever de uma vez. A cela 267 teve naquele ano uma vida intensa. E tudo que ela viveu, viveu também o pai à sua maneira. A história não havia terminado ainda (e isso aporta um tom de esperança).

A cela 267 tinha uma vida intensa. Não passava uma hora sem que se abrisse a porta e recebesse uma visita de inspeção. Era um controle especial que se exercia sobre um grande criminoso comunista, mas também podia ser por simples curiosidade. Muito frequentemente morriam presos que não eram para morrer, mas muito raramente se viu não morrer aquele cuja morte já estavam todos convencidos. Até os guardas de outros corredores vinham às vezes, conversavam, levantavam silenciosamente minhas cobertas e saboreavam, com perícia de gente entendida, minhas feridas, para depois, de acordo com seu caráter, seguirem com piadas cínicas ou tratar-me mais amistosamente. Um deles, o qual pusemos por mote o “filho do moleiro”, aparece com mais frequência que os demais e pergunta, com longos sorrisos, se o “diabo

vermelho" precisa de algo. Não, obrigado. Não precisa de nada. Depois de alguns dias o "filho do moleiro" descobriu que o "diabo vermelho" precisava de algo: ser barbeado, e trouxe um barbeiro.

É o primeiro preso, excetuando os da minha cela, que chego a conhecer: o camarada Bocek. A amável atenção que o "filho do moleiro" me dispõe constitui um verdadeiro suplício. O pai segura minha cabeça, enquanto o camarada Bocek, ajoelhado diante da minha cama, trata de desnudar, com uma gilete sem frio, o espesso bosque de minha barba. Suas mãos tremem e as lágrimas surgem nos olhos. Está convencido de que barbeia um cadáver. Tento consolá-lo:

— Barbeie, homem. Faça sem medo. Se resisti ao interrogatório do Palácio Petschek resistirei seguramente à sua lâmina de barbear.

No entanto, não nos sobram forças e temos que descansar os dois: ele e eu.

Dois dias mais tarde conheço a outros dois presos. Os comissários do Palácio Petschek estavam impacientes. Tinham vindo me buscar e como o *Polizeimeister* escreve todos os dias em minha folha de registro as palavras "não pode ser transportado", dão ordens de me levar mesmo assim. Dois detentos, com uniforme da prisão, que fazem serviço nos corredores, param com uma maca na frente de nossa cela. O pai me veste com dificuldade as roupas, os camaradas me põem sobre a maca e me levam.

Um deles é o camarada Skorepa, que mais tarde seria o "padrasto" de nossos companheiros de corredor. O segundo é ...[8]. Ele se inclina sobre mim quando eu deslizo na maca inclinada, enquanto descemos pela me escada e me diz:

— Agarra-se e aguente...

E sussurra em voz baixa:

— ... aconteça o que acontecer.

Desta vez não paramos no escritório de entrada. Me levaram mais longe, por um corredor muito longo até a saída. O corredor está cheio de gente pois hoje é quinta-feira e os familiares vêm buscar a roupa dos prisioneiros. Todos observam nosso triste cortejo. Vejo a compaixão em seus olhos e isto não me agrada. Levo a mão à cabeça e fecho o punho. Talvez

[8] Ilegível no original.

se deem conta de que os estou saudando; talvez seja um gesto inútil. Mas não posso fazer outra coisa. Me sinto ainda demasiado débil.

No pátio da prisão de Pankrák meteram a maca no caminhão. Dois S.S se sentaram ao lado do chofer, na cabine. Outros dois, de pé, ficaram ao meu lado, com as mãos apoiadas nos coldres abertos de suas pistolas. E partimos. Não, desde o início, o caminho não é nenhuma delícia: um baque, dois baques, e antes de ter percorrido duzentos metros perco a consciência. Era uma cômica excursão através das ruas de Praga: um caminhão de carga de cinco toneladas, habilitado para carregar trinta presos, gastando gasolina no translado de apenas um. E os dois S.S da frente e os dois de trás, com as mãos nos revólveres, guardando com olhares de fera um cadáver, temerosos de que ele escapasse.

A comédia se repetiu no dia seguinte. Desta vez aguentei até o Palácio Petschek. O interrogatório não foi longo. O comissário Friedrich tocou não muito delicadamente meu corpo e eu voltei outra vez sem consciência.

Começaram então a passar os dias nos quais não duvidei que estava vivo. A dor, irmã íntima da vida, me recordava com certa frequência. A própria prisão de Pankrák sabia que, por um descuido qualquer, eu estava vivo. E chegaram as primeiras saudações: através das espessas paredes que repetiam mensagens aos golpes, e através dos olhos dos subordinados, encarregados de distribuir a refeição.

Minha mulher era a única que não sabia nada de mim. Sozinha, em uma cela situada três ou quatro mais além da minha no andar inferior, vivia entre a angústia e a esperança até que sua vizinha, durante a meia-hora da ginástica, lhe sussurrou ao ouvido que tudo havia acabado para mim, que havia morrido na cela em consequência das feridas recebidas durante o interrogatório. Depois vagou pelo pátio, enquanto o mundo dava voltas ao seu redor. Nem sequer sentiu o consolo dos socos que a guarda lhe proporcionou no rosto para obrigá-la a incorporar a fila das prisioneiras, à vida regular da prisão. Que haviam visto seus belos e grandes olhos ao olhar, sem lágrimas, as paredes brancas das celas? No dia seguinte correu outro rumor: que aquilo não era certo, que não havia morrido sob o golpes, mas que, não podendo suportar mais a dor e o sofrimento, havia me enforcado na cela.

Entretanto, eu seguia deitado sobre meu mísero colchão. Cada noite e cada manhã me virava de lado para cantar a minha Gustina suas canções favoritas. Como não ia ouvi-las quando eu revestia elas de tanto fervor?

Hoje já sabe, hoje já pode ouvir, ainda que esteja mais longe do que então. E hoje em dia, até os guardas sabem – e se acostumaram a isto – que a cela 267 canta. E já não gritam de trás da porta por silêncio.

A cela 267 canta. Sim, cantei toda a minha vida, não sei por quê deixaria de cantar agora, precisamente ao final, quando a vida é mas intensa. E o paizinho Pesek? Oh, é um caso excepcional! Canta com o coração. Não tem ouvido nem memória musical, nem voz, mas adora o canto com tão belo e abnegado amor e encontra nele tão grande alegria que quase não percebo quando desliza de uma tonalidade a outra e insiste teimosamente em um dó ainda que o ouvido reclame por um lá. E assim, cantamos quando a nostalgia trata de invadir-nos; cantamos quando o dia está alegre; com nosso canto acompanhamos ao camarada que marcha e a quem talvez não voltaremos a ver jamais; cantando recebemos as boas notícias da frente oriental; cantamos em busca de consolo e cantamos de alegria, tal como os homens sempre cantaram e seguirão cantando enquanto existirem.

Não há vida sem canto, como não há vida sem sol. Por conseguinte, nós necessitamos duplamente do canto, já que o sol não chega até aqui. A 267 é uma cela orientada em direção ao norte. Só nos meses do verão, e durante alguns instantes, o sol desenha, antes de ocultar-se, a sombra das grades na parede. Durante esses instantes, o pai, posto de pé e apoiado no beliche, segue com seus olhos essa fugaz visita do sol... e este é o olhar mais triste que se pode encontrar aqui.

O Sol! Com que generosidade aparece esse mago redondo e quantos milagres realiza ante os olhos dos homens! E tão pouca, pouca gente vive ao sol. Resplandecerá, sim! Resplandecerá e os homens viverão sob a face de seus raios. Belo é sabê-lo. Mas tu não obstante, quer saber algo infinitamente menos importante? Resplandecerá ainda para nós?

Nossa cela está orientada para o norte. Só; algumas vezes, quando o dia é verdadeiramente belo, podemos ver o pôr do Sol. Ai, pai, como queria eu ver o nascer do sol ainda que fosse uma só vez.

Capítulo IV: A 400

A ressurreição é uma coisa um pouco especial, tão especial que é difícil descrevê-la. O mundo fica encantador depois de uma bela jornada, depois de ter dormido bem. Mas isso é como se a jornada fosse ainda mais bela, como se tivesse dormido melhor que nunca. A ti te parecia conhecer bem o cenário da vida. Mas isto é como se o técnico de luz ascendesse de vez todos os refletores feitos de brilhantes cristais, e, de repente, te oferecesse uma cena cheia de luz. A ti te parecia ver bem. Mas é como se colocasse prismas nos olhos e olhasse, ao mesmo tempo, através e de um microscópio. Uma ressurreição é algo eminentemente primaveral e, assim como a primavera, revela para ti encantos inesperados mesmo das paisagens mais conhecidas.

E isso inclusive quando sabes que não é mais só para um momento. Inclusive quando o que te rodeia é tão agradável e rico quanto uma cela na prisão de Pankrák.

Mas um dia, por fim, te levarão ao mundo. Um dia te levarão ao interrogatório. Irás sem maca e, ainda que te pareça mentira, quase andarás com teus próprios pés. Há um corrimão no corredor e outro na escadaria. E tu, na realidade, mais que caminhar com as duas pernas, te arrastarás sobre quatro patas. Abaixo já haverá outros prisioneiros que se encarregarão de ti e te levarão até o camburão. E depois estará ali sentado com dez, doze pessoas, em uma sombria masmorra; em volta, novas caras sorrirão para ti, e tu lhes sorrirá de volta. Um deles te sussurrará alguma coisa e tu não saberás quem é, apertarás a mão de outro de outro e não saberá quem é. E por último, o camburão entrará, com uma sacudida, no saguão do Palácio Petschek. Os camaradas te descerão. Entrarás numa espaçosa sala, de nuas paredes. Cinco bancos, um atrás do outro. E sentados neles, os presos, em posições eretas, com as mãos sobre os joelhos, o olhar fixo na nua parede a frente... e isto é, rapaz, uma parte de teu novo mundo, o qual chamam de “a sala de cinema”.

Interlúdio de maio de 1943

Hoje é o Primeiro de Maio de 1943. E de serviço se encontra um guarda que me permite escrever. Que sorte! Sentir-se uma vez mais, ainda que seja só por breves momentos,

um jornalista comunista e escrever a crônica sobre o desfile do Primeiro de Maio das forças de combate do mundo novo. Não espere ouvir-me falar de bandeiras balançando ao vento. Não há tal coisa. Tampouco posso te contar desses atos de heroísmo que são tão agradáveis de escutar. Hoje tudo é mais sensível. Nem a impetuosa e vibrante onda de dezenas de milhares de camaradas que eu via outros anos irromper pelas ruas de Praga, nem o majestoso mar de milhões de outros camaradas que vi inundando a Praça Vermelha de Moscou. Aqui não se pode ver nem a milhões nem a centenas. Aqui só se consegue ver alguns camaradas, homens e mulheres. Mas ainda assim sentes que isto é de menor importância. Não o é porque o ingresso a nossas forças consiste na dura prova de fogo, e que não tenha se transformado em cinza, mas em faísca. Em um ingresso nas trincheiras, durante a batalha. E nas trincheiras se leva o uniforme cinza de campanha.

Mas tudo isto está tecido de tão pequenos detalhes que tu não os viu, talvez não consiga compreender quando ler. Trate de compreender, no entanto. Acredite em mim: há nisso uma grande força.

A saudação matinal da cela vizinha, que consiste em dois compassos de Beethoven, som esse mais sublime, mas eloquente, e a parede o transmite com tons superiores.

Nos vestimos com o melhor que temos. De igual modo acontece em todas as outras celas.

Recebemos o café da manhã em plena forma. Através da porta da cela aberta passam os ordenanças com o pão, o café e a água. O camarada Skorepa nos dá três pedaços de pão ao invés de dois. Em sua saudação do Primeiro de Maio, a saudação ativa de uma alma cheia de atenções. Sob os pedaços de pão um dedo pressiona o outro. Está proibido falar. Eles vigiam mesmo teus olhares. Mas, porventura os mudos não se expressam claramente com os dedos?

No pátio, sob a janela de nossa cela, aparecem correndo as mulheres para a meia-hora da ginástica. Subo pela mesa e, através das grades, olho para baixo. Talvez me vejam. Sim. Me viram. E levantam o punho para saudar. Repito o gesto. Lá embaixo, no pátio, hoje a animação é singular, completamente nova; uma animação muito mais alegre que a dos demais dias. O vigilante não percebe nada, ou talvez não queira ver. Também isso faz parte de nossa manifestação do Primeiro de Maio deste ano.

E agora, nossa meia-hora de ginástica. Eu sou o instrutor. É o Primeiro de Maio, rapazes, e não vamos começar como nos outros dias. Não importa que isso chame a atenção dos vigilantes. O primeiro exercício: um, dois, um dois: os golpes do martelo. O segundo: cortar. O martelo e a foice. Com um pouco de imaginação os camaradas talvez compreendam. O martelo e a foice. Olho ao redor. Eles sorriem e repetem os exercícios com fervor . Me compreenderam. Eis aqui, rapazes, nossa manifestação do Primeiro de Maio. E esta pantomima é nossa promessa do Primeiro de Maio, a qual permaneceremos fiéis, ainda que marchemos em direção à morte.

De volta à cela. São as 9. Nesse momento o relógio do Kremlin dá dez campanadas e na Praça Vermelha começa o desfile. Pai, unamos-nos a eles! Lá, nesse momento, cantam a Internacional; nesse momento, a Internacional ressoa no mundo inteiro. Que ressoe também nesta cela! Cantamos. E uma após outra se sucedem as canções revolucionárias. Mas nós não queremos estar sós, não estamos sós. Estamos junto aos que agora, em liberdade e lutando igual a nós, cantam...

Camaradas em prisões

em celas frias

vós estais conosco

estais conosco

ainda que não formeis nossas filas...

Sim, nós estamos convosco.

E assim como nós, os encarcerados na cela 267, imaginamos o solene final do desfile do Primeiro de Maio de 1943. Mas, é realmente o final? E esta ordenança do setor feminino que esta tarde passeia pelo pátio assoviando a marcha do Exército Vermelho, assoviando a canção do guerrilheiro, assoviando outras canções soviéticas para infundir ânimo aos homens das celas? E esse homem com o uniforme da polícia checa que tem me trazido papel e lápis e que nesse momento vigia o corredor para que ninguém indesejável me surpreenda? E este outro que, definitivamente, deu impulso a estes escritos e que, ocultando-os cuidadosamente, os leva para fora para que apareçam à luz no momento oportuno? Por esse pedaço de papel arriscam a cabeça. Se arriscam para estabelecer uma ponte de união entre o hoje acorrentado e o amanhã

livre. Eles lutam. Lutam com devoção e sem medo, cada um em seu posto, cada um em seu campo de batalha e por todos os meios ao seu alcance. E são tão sensíveis, tão anônimos e tão sigilosos que nem sequer se poderia adivinhar a luta entre a vida e a morte que sustentam junto a nossos amigos, e na qual tanto podem cair quanto vencer.

Dez vezes, vinte vezes terás visto os exércitos da revolução marchar nas manifestações do Primeiro de Maio. E sempre era algo solene. Mas só na luta podes apreciar a verdadeira força desse exército e seu caráter invencível. A morte é mais simples do que se poderia crer e o heroísmo tem a face carente de resplendores. Mas o combate, todavia, é mais cruel do que se pode supor. E para perseverar nele e conduzi-lo até a vitória é necessária uma força imensurável. Diariamente a vês em movimento, mas nem sempre te dás clara conta dela. Se tudo parece tão natural, tão evidente!

Hoje percebi isto novamente.

Hoje, no desfile do Primeiro de Maio de 1943.

O Primeiro Maio de 1943 interrompeu por um momento a continuidade deste relato. Está tudo bem. Nos dias solenes, um recorda mais intensamente que os outros e poderia ser que o júbilo que hoje te domina te leve a deformar a lembrança.

A “sala de cinema” do Palácio Petschek não tem, é verdade, nada de alegre. É a antecâmara de uma sala de tortura, desde onde se escuta as queixas, os gritos de terror dos outros, sem saber o que te espera. Vês partir dentre nós gente sã, robusta e cheia de vida que depois de três horas de interrogatório volta mutilada e desfeita. Escutas uma voz sonora anunciar sua partida para o interrogatório e, outra hora, uma voz quebrada, sufocada pela dor e pela febre te anunciar sua volta. E uma coisa ainda pior: vês as pessoas marchar com o olhar limpo e franco e que, ao voltar, não podem já te olhar nos olhos. Talvez se trate tão somente de um pequeno momento de debilidade lá em cima, no escritório do comissário. Um único momento de vacilação, nada mais que um relâmpago de medo ou de desejo de salvar seu próprio eu, e hoje ou amanhã chegarem novas vítimas que viriam viver aqui todos estes horrores; novas vítimas entregues ao inimigo por quem havia sido seu companheiro de combate.

O espetáculo da gente cuja consciência se acha comprometida é ainda mais terrível que o espetáculo dos homens fisicamente torturados. E se teus olhos foram lavados pela morte que passou ao teu lado, se teus sentidos se encontram afinados pela ressurreição, se percebe, sem necessidade de palavras, quem vacilou, quem traiu e quem pensa, precisamente neste momento, em um pequeno canto de sua alma, que, depois de tudo, não seria tão ruim aliviar um pouco sua situação entregando somente o mais insignificante de seus companheiros de luta. Oh, pobres débeis! Como se a vida comprada com a de um camarada pudesse ser considerada vida!

É possível que isso não tenha me ocorrido em minha primeira ida à "sala de cinema". Mas agora tenho pensado nisto com frequência. E esta ideia com certeza apareceu esta manhã, em ambiente um pouco distinto, em um meio que era a melhor fonte de conhecimento: na sala número 400.

Não permaneci muito tempo na "sala de cinema". Uma hora ou uma hora e meia. Depois, às minhas costas, chamaram meu nome e dois homens de vestes militares, que falavam checo, se encarregaram de mim. Me meteram no elevador, que me desceu ao quarto andar, e me conduziram a uma grande sala, em cuja porta estava escrito o número

400

Ali, sob sua vigilância, estive sentado completamente sozinho no início e muito atrás, junto à parede. Olhava ao meu redor com a estranha impressão de quem já viveu esse momento uma vez. Estive aqui alguma vez? Não. Nunca. Mas apesar disto, conheço essa casa, tenho sonhado com ela, lhe visto em um cruel e febril pesadelo que ainda que a tenha desfigurado, apresentando-me com horríveis caretas, não pude mudá-la ao ponto de me impedir de reconhecê-la. Agora é acolhedora, cheia de luz do dia e de cores claras. Através de suas grandes janelas de finas rendas se pode ver a Igreja de Týn, as verdes colinas de Letná e o castelo de Hradcany. No sonho, era tudo vazio e sem janelas, iluminada por uma poeira de uma seca luz amarelenta, sob a qual os homens pareciam sombras. Então havia mais gente. Agora, a sala está vazia e seus seis bancos alinhados formam uma alegre pradaria de rochas e plantas. No meu sonho a via cheia de homens sentados nestes bancos uns ao lado dos outros e suas caras estavam pálidas e ensanguentadas. Ali, muito perto da porta, um homem com expressão de dor nos olhos, de pé, vestido com macacão azul, ansiava beber, beber, e ao fim, desmoronou no chão lentamente, como quando cai um telão.

Sim, era assim; mas já não sei se foi um sonho. Aquela coisa de delírio febril e cruel, era a realidade.

Foi durante meu primeiro interrogatório, a noite de minha prisão. Me trouxeram aqui três vezes talvez. Como posso saber! Eu estava descalço e, me lembro, os azulejos do chão refrescava agradavelmente as plantas destroçadas de meus pés.

Na aquela ocasião os bancos estavam ocupados pelos operários da Junkers. Formavam a colheita noturna da Gestapo. E aquele homem de macacão azul, próximo a porta, o camarada Bartoñ, da célula da fábrica da Junkers, era a causa direta da minha detenção. Digo isso para que ninguém seja culpado do que me aconteceu. Minha prisão não obedeceu à traição nem à covardia de nenhum camarada. Foi apenas a consequência do descuido e da má-sorte. O camarada Bartoñ buscava para sua célula um contato com a direção do Partido. Seu amigo, o camarada Jelínek, sem respeitar por completo as regras da conspiração, em vez de consultar esse assunto comigo, em primeiro lugar, com a condição de se fazer sem sua intervenção pessoal, se comprometeu a buscar ele mesmo o contato. Tal havia sido sua primeira falta. A segunda, mais desastrosa, consistiu em que o camarada Bartoñ confiou em um provocador chamado Dvorák. O camarada Bartoñ lhe revelou até o nome de Jelínek. E foi assim que a Gestapo começou a interessar-se pela família Jelínek. Não a buscavam para seu trabalho principal, que havia sido realizado perfeitamente por anos, senão por consequência de um pequeno serviço que supôs, por um momento, o abandono de seus deveres conspirativos. E os homens do Palácio Petschek decidiram deter Jelínek precisamente na noite em que havíamos sido convocados, bem como o fato de terem chegado em tão grande número, deveu-se unicamente à casualidade. Aquilo não estava em seus planos. Os Jelínek deveriam ser presos na noite seguinte. Na realidade, a Gestapo chegou quase como em um plano de diversão, como que "para tomar um pouco de ar" e celebrar o êxito que representava a detenção da célula da fábrica da Junkers. Nossa surpresa pela chegada da polícia não foi maior que a deles de me encontrar ali. Nem sequer sabiam a quem arrastavam. E é possível que nem soubessem que eu estava junto.

Mas eu não pude fazer essas reflexões na 400, senão depois de bastante tempo. Até então já não me encontrava mais sozinho; os bancos e as paredes já estavam ocupados e transcorriam horas cheias de surpresas. Surpresas estranhas, das quais nada se entendia, e surpresas malvadas que compreendi bastante bem.

A primeira surpresa não entrava em nenhuma destas categorias. Foi algo agradável, pequeno, sem importância para ninguém.

Segunda surpresa: na sala entram, em fila indiana, quatro pessoas, saúdam em checo os agentes de vestes militares e a mim, se sentam às mesas, põem seus papéis diante de si e acendem despreocupadamente seus cigarros, com a liberdade dos empregados. Mas, sim, eu os conheço! Conheço, pelo menos, três deles e não é possível que estejam à serviço da Gestapo. Ou talvez estejam? Também eles? Mas sim, é R., antigo secretário do Partido e dos sindicatos, um tanto arisco, mas fiel. Não, isto não é possível. E esta é Anita Vikova, sempre tão sincera e tão bela, apesar de seus cabelos já completamente brancos: militante firme e tenaz. Não, isto não é possível. E este é Vasek, pedreiro em uma mina do norte e mais tarde secretário regional do partido. Como não conhecê-lo? Quantos combates vivemos juntos lá, no norte. É possível que o tenham comprado? Não, isto não é possível. Mas então, que buscam aqui? Que fazem aqui?

Sem dar respostas a estas perguntas, já se acumulam outras novas. Trazem a Mirek, ao casal Jelínek e ao casal Fried. Sim, eu sei: estes, infelizmente, foram arrastados comigo. Mas, por que está aqui também Pavel Kropácek, historiador da arte, que ajudava Mirek em seu trabalho com os intelectuais e que não conseguia ninguém além de Mirek e eu? E por que está aqui também esse homem jovem e alto, com a cara inchada pelos golpes, dando-me a entender que nos conhecemos? Sim, eu de fato não o conheço. Quem será? Stych? O doutor Stych? Zdenék? Mas, meu Deus, isso significa o grupo de médicos. E quem poderia conhecê-los além de mim e Mirek? E por que durante o interrogatório me perguntavam tanto sobre os intelectuais checos? Como eles chegaram a suspeitar de uma relação entre meu trabalho e o que se realiza entre os intelectuais? Quem poderia estar por dentro, além de mim e de Mirek?

A resposta não era difícil, mas era grave e cruel: Mirek traiu. Mirek se converteu em um delator.

No primeiro momento ainda podia esperar que, pelo menos, não havia confessado tudo. Mas depois trouxeram outro grupo de detentos e pude reconhecer Vladimir Vancura, o professor Felber e seu filho, Bedrich e Václavek, desconhecido sob seu disfarce, a Bozena Pulpánova, a Jindrich Elbl, o escultor Dvorák, a todos os que formavam ou estavam para formar

parte do Comitê Nacional Revolucionário de intelectuais checos: todos estão aqui. Mirek revelou tudo quanto sabia sobre o trabalho entre os intelectuais.

Meus primeiros dias no Palácio Petschek não foram fáceis. Mas este foi o golpe mais duro que recebi. Esperava a morte, mas não a traição. Inclusive julgando com indulgência, inclusive tomando em consideração todas as circunstâncias e lembrando tudo o que Mirek não havia dito, não pude encontrar outra palavra: traição. Não foi apenas uma vacilação, a debilidade nem o afogamento de um homem torturado até a morte que busca alívio em meio à febre. Nada pode desculpá-lo. Neste momento compreendi porquê souberam meu nome desde a primeira noite, neste instante percebi porquê se encontrava ali Anita Jiráskova, em cuja casa tive muitos encontros com Mirek, compreendi porquê estavam ali Kropácek e o doutor Stych.

Quase diariamente ia ao número 400 e a cada dia conhecia novos detalhes. Era algo triste e desesperador. Assim é. Antes foi um homem reto, que não tratou de fugir das balas quando combatia na Frente da Espanha e que não se dobrou tampouco sob a cruel experiência do campo de concentração na França. Agora empalidece diante da vara de um agente da Gestapo e comete uma traição para salvar sua pele. Quão superficial seria seu valor para ceder ante uns golpes! Tão superficial como suas convicções. Era forte em grupo, rodeado de camaradas que pensavam como ele. Era forte porque pensava como eles. Mas agora, isolado, sozinho, rodeado pela hostilidade do inimigo, perdeu completamente sua força. Perdeu tudo porque começou a pensar em si mesmo apenas. Para salvar sua pele salvou seus camaradas. O dominou a covardia e pela covardia é um traidor.

Não pensou que valia mais morrer que decifrar os materiais escondidos em sua casa. E os decifrou. Deu nomes. Deu o caminho para um esconderijo. Levou consigo os agentes da Gestapo ao encontro com Stych. Os enviou à casa de Dvorák e ao encontro com Václavek e Kropácek. Entrou Anita. Entregou inclusive a Lída, mulher valorosa e resoluta que o amava. Bastava alguns golpes para que lhes dissesse metade disto. E quando se convenceu de minha morte e pensou que não teria de se justificar a ninguém, disse todo o resto.

Com sua conduta, não me fez, pessoalmente, nenhum dano. Eu já estava nas garra da Gestapo. O que mais poderia se agregar aos meus males? Ao contrário: era uma coisa concreta, sobre a qual poderiam basear todas suas buscas. Algo assim como o começo de um labirinto, cujos caminhos seguintes estavam em minhas mãos e cujo final eles queriam alcançar. Apenas

graças a isto tenho sobrevivido até depois do estado de sítio e, comigo, uma grande parte de nosso grupo. Mas neste caso, não haveria grupo se ele tivesse cumprido seu dever. Nós dois estaríamos mortos faz tempo, mas os demais viveriam e trabalhariam. Um covarde perde algo mais que sua vida. Ele se perde. É um desertor de um exército glorioso e merece o desprezo do pior de seus inimigos. E ainda que vivesse, já não viveria, porque se excluiu da coletividade. Mais tarde tentou corrigir algumas coisas, mas jamais pôde ganhar a confiança dos companheiros. Isto é mais terrível que qualquer prisão do mundo.

O prisioneiro e a solidão: essas duas palavras parecem inseparáveis ao que parece. Mas isso é um grande erro. O prisioneiro não está só. A prisão é uma grande comunidade na qual nem o isolamento mais rigoroso pode separar alguém, a não ser que alguém se exclua a si mesmo. A fraternidade dos oprimidos está sob uma pressão que concentra, fortalece e o torna mais sensível. Atravessa os muros, que vivem, falam e transmitem mensagens. Abrange as células do mesmo corredor, unidas por sofrimentos, serviços comuns, ordenanças comuns e meia-hora comum ao ar livre, quando apenas uma palavra ou gesto é suficiente para dar a notícia ou salvar a vida humana. Une toda a prisão por meio das saídas e turnos comuns do interrogatório e da expectativa comum à "sala de cinema". É uma fraternidade de poucas palavras e muitos serviços, porque um único aperto de mão ou um cigarro furtivo quebra a gaiola para a qual te jogaram e o libertam da solidão, que termina destruída. As células têm mãos: percebes como elas o apoiam para que não caias após a tortura do interrogatório e delas recebe comida quando os outros o empurram para a morte por fome. As células têm olhos: elas te olham quando marchas em direção à execução, e tu sabes que precisa manter a cabeça erguida, porque és irmão dele e não deves mostrar fraqueza nem mesmo com um passo hesitante. É uma fraternidade que sangra, mas é indestrutível. Se não fosse por sua ajuda, não se poderia suportar nem um décimo do que suporta. Nem tu nem mais ninguém.

Neste relato, se eu conseguir continuá-lo - porque não se sabe o dia nem a hora do fim - verás frequentemente o número 400 que dá título a este capítulo. Eu o conheci. Era uma sala, e as primeiras horas que passei nela, as primeiras reflexões que fiz nela, não foram nada felizes. Mas não era apenas uma sala: era uma comunidade, uma comunidade feliz e combativa.

O “400” nasceu em 1940, com o aumento da atividade da seção anticomunista da polícia. Era um anexo ao armazém, à “sala de cinema”: a sala de espera daqueles que seriam submetidos ao interrogatório, especialmente selecionada para os comunistas, a fim de evitar pegá-los e levá-los do porão para o quarto andar e vice-versa a cada interrogatório, além de tê-los à disposição o tempo todo aos funcionários da Gestapo encarregados dos interrogatórios. Foi para facilitar o seu trabalho. Ou pelo menos eles pensavam assim.

Mas coloque dois prisioneiros juntos, e sobretudo dois comunistas, e em cinco minutos um grupo se formará que estragará todos os seus planos. Em 1942, era conhecida como “central comunista”. Sofreu muitas mudanças e milhares e milhares de camaradas, homens e mulheres, passaram por seus bancos. Mas há algo que nunca mudou: a alma desse grupo, fiel à luta e segura da vitória.

A “400” era uma trincheira avançada, completamente cercada pelo inimigo e sujeita ao fogo concentrado, mas nunca pensou em se render. A bandeira vermelha flutuava sobre ela e a solidariedade de todo o povo se manifestava em sua luta pela libertação.

Abaixo, na "sala de cinema", os S.S passavam arrastando suas botas pesadas e acompanhando com gritos o menor movimento de olhos. Aqui, na “400”, a fiscalização é realizada por inspetores checos da sede da polícia, servindo a Gestapo como intérpretes, voluntariamente ou por ordem de seus superiores, e que cumpriam seu dever como mercenários checos ou da Gestapo. Ou como qualquer coisa entre os dois. Aqui não eras forçado a sentar-se em posição reta, com as mãos nos joelhos e os olhos fixos. Aqui se pode sentar-se mais livremente; se poderia olhar ao seu redor; se pode fazer um sinal de mão e pode fazer ainda mais, dependendo do caso. Tudo dependia do tipo de vigia que estava de plantão em cada momento.

A “400” era o lugar onde o conhecimento mais profundo daquela criatura chamada homem é alcançado. Lá, a proximidade da morte expõe a todos: aqueles a quem uma braçadeira vermelha designava-o como detido comunista ou como suspeito de colaborar com os comunistas, que deveriam ser vigiados e que participavam do interrogatório em uma sala vizinha. Nesta, durante o interrogatório, cada palavra poderia servir como escudo ou como arma. Mas na “400” é impossível se esconder atrás das palavras. Lá, o que você diz não conta mais, mas sim o que há de mais profundo em ti. No seu interior mais profundo, há apenas o

essencial. Tudo o que estava em segundo plano e que enobrecia, enfraquecia ou embelezava a profundidade do seu caráter, tudo isso caiu, foi arrancado pelo vendaval que antecede a morte. Não resta nada além do sujeito e do predicado: os fiéis resistem, o traidor trai, o burguês se desespera, o herói luta. Em todo homem há força e fraqueza, ousadia e medo, firmeza e hesitação, limpeza e sujeira. Mas aqui só pode haver uma coisa ou outra. Ou isso ou aquilo. E se alguém tentou navegar entre duas águas, foi descoberto mais rapidamente do que um dançarino com um pandeiro e uma pena amarela no chapéu em um funeral.

Essas pessoas estavam entre os detidos e também entre os inspetores e agentes checos. Durante o interrogatório, acendiam uma vela ao bom Deus do Reich, e na "400" acenderiam outra ao diabo bolchevique. Na frente do comissário alemão, eles quebram os dentes para retirar, por força de golpes, o nome dos teus contatos, e na "400" eles oferecem pão amigável para atenuar a fome. Durante os registros, eles saqueavam, debaixo do chão, oferecendo-lhe, de forma oculta, na "400", meio cigarro, para mostrar seus bons sentimentos. E havia outros - que eram apenas uma variante da mesma espécie - que nunca, por iniciativa própria, faziam mal a ninguém, embora não pensassem em nada além de sua própria pele. Sua sensibilidade faz deles um excelente barômetro político. Estão reservados, muito sérios? É certo: os alemães avançam em Stalingrado. Eles são gentis e conversam com os detidos? A situação é favorável: os alemães foram derrotados em Stalingrado. Eles falam sobre sua antiga origem checa e como foram forçados a entrar no serviço da Gestapo? Excelente: o Exército Vermelho já está avançando em Rostov. Ainda existem outros - do mesmo tipo - que colocam as mãos nos bolsos quando se está prestes a morrer afogado e a estendem pra ti de maneira complacente quando voltas a si.

Esse tipo de gente sentiu a coletividade da "400" e tentou se aproximar dela, porque apreciava sua força. Mas jamais fez parte dela. E existia ainda outro tipo que não tinha a menor ideia dessa comunidade: eu os chamaria de assassinos, ainda que os assassinos, apesar de tudo, pertencem ao gênero humano. A besta de língua checa, com sua mordaça e o ferro na mão, torturavam aos prisioneiros de tal maneira que muitos comissários alemães acabavam voltando os olhos para o espetáculo. Não podiam se cobrir com a desculpa hipócrita de lutar por seu povo ou pelo Reich: torturavam e assassinavam por prazer; quebravam os dentes, perfuravam os tímpanos, esvaziavam os olhos, despedaçavam aos chutes os órgãos genitais, deixavam nus os cérebros dos torturados e os espancavam até a morte, impelidos pela crueldade, sem outro motivo senão a própria crueldade. Se era possível vê-los diariamente; todos os dias

se era forçado a suportar sua presença, que enchia a atmosfera de sangue e agonia de morte.Só te confortava a profunda fé, a firme confiança de que eles nunca poderiam escapar da justiça, mesmo que matassem todas as testemunhas de seus crimes.

E ao lado deles, à mesma mesa, aparentemente a mesma e com a mesma hierarquia, estavam sentados outros homens. Homens, com H maiúsculo. Homens que aplicavam os regulamentos penitenciários em benefício dos encarcerados; homens que ajudavam a formar a comunidade da “400” e que pertenceram a ela com todo o coração e com toda a audácia. Sua generosidade se destaca ainda mais porque não eram comunistas, mas, pelo contrário, trabalhavam à serviço da polícia checa contra os comunistas. Mas, vendo-os lutar contra o invasor, conheceram a força e entendiam a importância que os comunistas têm para todo o povo e, a partir daquele momento, serviram fielmente e ajudaram, mesmo nos bancos da prisão, a todos os que estavam firmes. Muitos combatentes de fora hesitariam se soubessem dos horrores que os aguardam, se caíssem nas mãos da Gestapo. Mas os daqui têm constantemente, todos os dias e todas as horas, esses horrores diante de seus olhos. Todos os dias e a cada hora, eles poderiam esperar ser colocados ao lado de prisioneiros e sofrer um martírio ainda maior. Apesar de tudo, não vacilaram. Eles ajudaram a salvar a vida de milhares e aliviaram o destino daqueles cujas vidas era impossível salvar. Merecem o título de heróis. Sem sua ajuda, a “400” nunca poderia ter se tornado o que era e como a conheceram milhares e milhares de comunistas: um lugar claro em uma casa escura, uma trincheira na retaguarda do inimigo, o centro da luta por liberdade dentro da fortaleza dos ocupantes.

Capítulo V: Figuras e figurinhas (I)

Só lhes peço uma coisa: aqueles que sobreviverem a esse tempo, não se esqueçam. Não se esqueçam nem dos bons e nem dos maus. Reúnam com paciência os testemunhos daqueles que caíram por vós. Um dia, o hoje pertencerá ao passado e se falará de uma grande época e dos heróis anônimos que fizeram história. Gostaria que todo o mundo soubesse que não houve heróis anônimos. Eram pessoas com seus nomes, rostos, desejos e esperanças, e a dor do últimos dos últimos não foi menor do que a dos primeiros, cujo nome perdura. Eu gostaria que todos eles estivessem perto de vós, como membros de sua família, como vós mesmos.

Os nazistas exterminaram famílias inteiras de heróis. Amem pelo menos um deles, como se fosse um filho ou filha, e sintam orgulho dele como um grande homem que viveu para o futuro. Cada um que serviu fielmente o futuro e caiu para torná-lo mais belo, é uma figura esculpida em pedra. E cada um daqueles que, com o pó do passado, queriam construir um dique para barrar a revolução, nada mais são do que estatuetas de madeira, mesmo que seus braços estejam carregados de listras douradas.

Mas também é necessário ver as figurinhas viventes em sua infâmia, em sua imbecilidade, sua crueldade e em sua mesquinhez, porque é um material que nos servirá para o futuro.

Só posso lhes dar o material que corresponde à declaração de uma testemunha. É limitado e sem espaço no tempo, tal como pude constatar em meu pequeno setor. Mas contém traços de uma verdadeira imagem da vida: os traços dos grandes e dos pequenos, das figuras e das figurinhas.

Os Jelínek

José e Maria. Ele, eletricista; ela empregada. É preciso se conhecer sua casa: móveis modernos, simples e suaves, uma pequena biblioteca, uma estatueta, quadros nas paredes e tudo limpo, incrivelmente limpo. Tu dirias que toda sua alma estava trancada lá e que não conheciam mais nada do mundo. No entanto, militavam há muito tempo no Partido Comunista e concebiam a justiça à sua maneira. Os dois trabalhavam silenciosa e abnegadamente, sem faltar às suas atividades no período da ocupação, o que lhes impunha grandes demandas e responsabilidades.

Depois de três anos, a polícia invadiu sua casa. Eles ficaram lado a lado, as mãos levantadas acima da cabeça.

19 de maio de 1943

Nesta noite, os nazistas levaram minha Gustina à Polônia "para trabalhar". Para as galés, para a morte por tifo. Ainda me restam algumas semanas, talvez dois ou três meses para viver. A acusação foi encaminhada ao tribunal. Pode haver mais quatro semanas restantes para recolher informações adicionais contra mim na prisão de Pankrác e depois ainda dois, três meses até o fim. Este testamento não será concluído. Se nestes dias eu tiver a oportunidade, tentarei continuá-la. Hoje não posso. Tenho a cabeça e o coração cheios de Gustina, daquela mulher nobre, tão querida, fervorosa e abnegada companheira em minha vida tão agitada e nunca pacífica.

Toda tarde eu canto sua música favorita: da grama azulada da estepe, cheia de lendas de guerrilhas; sobre o cossaco que, ao lado dos homens, lutou bravamente para conquistar a liberdade mesmo que em combate: "*yey podniatsia s zemli nieprislos*".[9]

"*Vot, moi druzok boievoi.*"[10] Quão forte é esta bela criatura com traços firmemente esculpidos e grandes olhos de menina, cheios de ternura! A luta e as contínuas separações fizeram de nós dois amantes eternos, que não apenas uma vez, mas cem vezes na vida, experimentamos os ardentes momentos das primeiras carícias e dos primeiros abraços. E, no entanto, nossos corações estavam sempre batendo em uníssono e nossa respiração era a mesma nas horas de felicidade e nas horas de angústia, excitação e tristeza.

Durante anos, trabalhamos juntos e nos ajudamos, pois apenas os companheiros sabem como fazê-lo. Durante anos, ela foi minha primeira leitora e crítica e foi difícil para mim escrever sem sentir seu olhar amoroso em mim; Durante anos, participamos lado a lado de lutas frequentes e, durante anos, passeamos de mãos dadas pelos lugares favoritos. Conhecemos muitas dificuldades e vivemos muitas alegrias, porque éramos ricos, ricos como são os pobres. Com esta riqueza que está no interior.

Gustina? Eis aqui Gustina:

[9] "Não posso me levantar mais", no original em russo.
[10] "Ai, meu companheiro de luta", no original em russo.

Foi durante o estado de sítio, em meados de junho do ano passado. Me viu pela primeira vez há seis semanas de nossa prisão, depois daqueles tristes dias que, sozinha na cela, meditava sobre as notícias de minha morte. Chamaram-na para me confortar:

— Faça-o voltar à razão — disse a Gustina o chefe da sessão durante o confronto — Diga a ele para ser razoável. Se não pensa em si mesmo, ao menos pensa em você. Vocês têm uma hora para refletir. Se após esse período sua cabeça teimosa não se mexer, esta tarde serão baleados. Os dois.

Ela me acariciou com o olhar e respondeu com serenidade:

— Senhor comissário: isto não é nenhuma ameaça para mim. Esse é o meu último desejo. Si o executarem a ele, executem a mim também.

Eis aqui. Esta é Gustina: amor e firmeza.

Podem nos tirar a vida, não é, Gustina? Mas nunca nossa honra e nosso amor.

Oh amigos meus! Podeis imaginar como viveríamos se nos encontrássemos depois de todos esses sofrimentos? Se nos encontrarmos novamente em uma vida livre e bela, na vida de liberdade e criação? Quando será realizado o que ansiamos, pelo qual fizemos tanto esforço e pelo que agora vamos morrer? No entanto, embora mortos, viveremos em um pequeno canto de vossa felicidade, porque por essa felicidade nós demos nossas vidas. E isso nos dá alegria, mesmo que a despedida seja triste.

Não nos permitiram dizer adeus, nos abraçar ou apertar as mãos. Somente o coletivo da prisão, que liga a Praça de Carlos a Pankrác, nos dá notícias mútuas do nosso destino.

Você sabe, Gustina, e eu também sei que nunca mais nos veremos. Mas mesmo assim, ouço-te gritando de longe: “Adeus, querido”.

Adeus, minha Gustina!

Meu testamento.

Não tinha mais que minha biblioteca. E a Gestapo a destruiu.

Escrevi muitos artigos culturais e políticos, reportagens, ensaios, literatura crítica e reportagens teatrais. Muitos deles corresponderam a um dia e morreram com ele. Deixe-os em paz. Mas alguns pertencem à vida. Esperava que Gustina pudesse buscá-los. Pouca esperança permanece. Por isso, imploro ao honesto camarada Ladislav Stoll que faça uma seleção deles para formar cinco livros:

1. - Artigos políticos e de polêmica.

2. - Compilação de relatórios sobre o nosso país.

3. - Compilação de relatórios sobre a U.R.S.S;

4 e 5. - Artigos e ensaios sobre literatura e teatro.

A maioria desses trabalhos os encontrará em *Tvorba* e no *Rudé Právo*. Outros em *Kmen*, *Proletkult*, *Doba*, *Socialista*, *Avantgarda*, etc.

Na casa do editor Girgal (a quem aprecio a audácia com que, durante a ocupação, publicou meu estudo sobre Bozena Némcová) estão os manuscritos do estudo sobre Julius Zeyer; na casa onde moravam os Jelínek, os Vysusil e os Suchánek - a maioria deles mortos hoje - estão escondidas parte do meu estudo sobre Sabina e as anotações de Jan Neruda.

Comecei a escrever um romance sobre nossa geração. Dois capítulos estão na casa dos meus pais. O resto provavelmente foi destruído. Vi algumas histórias manuscritas no arquivo da Gestapo. Para o crítico literário que nascerá, deixo meu amor por Jan Neruda. É o nosso melhor poeta. Viu bem acima de nós pensando no futuro. Mas ainda não há trabalho que o compreenda e o valorize. O proletário Neruda deve ser mostrado. Anexaram o rótulo de "*Idylls of Mala Strana*"[11], sem perceber que era precisamente esse bairro "idílico" de Mala Strana que sempre o considerou um "marginal", nascido nos limites de Smíchov[12], em uma atmosfera da classe trabalhadora, que para ir ao cemitério de Mala Strana por suas "Flores do Cemitério", se tinha que passar pela fábrica de Ringhofer. Sem saber disso, nunca entenderão Neruda, de suas "Flores do Cemitério" ao boletim de notícias de primeiro de maio de 1890. Todo mundo - mesmo um homem tão clarividente quanto Salda - via na atividade jornalística de Neruda um certo freio à sua criação poética. Isso é tolice. Porque precisamente por ser jornalista, Neruda

[11] Antigo bairro de Praga.
[12] Bairro de Praga, limítrofe com o de Malá Strana.

conseguiu escrever obras tão magníficas como suas “Baladas e Romance”, “Músicas da Sexta-Feira Santa” e a maioria de seus “Motivos Simples”. O trabalho jornalístico muitas vezes esgota o homem e pode até impedi-lo de se concentrar, mas o vincula ao leitor e o ensina a criar poesia também, especialmente se é um jornalista tão honesto quanto Neruda. Neruda, sem jornais para refletir a vida cotidiana, poderia ter escrito muitos volumes de poemas, mas nenhum sobreviveria ao seu século como todas as suas obras sobreviverão.

Pode ser que alguém termine meu estudo sobre Sabina: ele merece.

Aos meus pais, por seu amor e sua simples nobreza, eu gostaria de lhes assegurar, com meu trabalho também feito para eles, um outono cheio de sol. Que eles não se sintam perturbados porque não continuo com eles. “O trabalhador é mortal; o trabalho é eterno”, e no calor e na luz que o cercam, eu sempre estarei ao seu lado.

Peço às minhas irmãs Liba e Vérka que, com suas canções, façam meu pai e minha mãe esquecerem que há um vazio em nossa família. Eles engoliram muitas lágrimas quando vieram me ver no Palácio Petschek. Mas a alegria vive neles e é por isso que eu os amo, é por isso que nos amamos. Eles são semeadores de alegria: que nunca deixem de ser.

Aos camaradas que sobreviverem a esta batalha final e àqueles que vieram depois de nós, aperto-lhes fortemente as mãos. Em meu nome e no de Gustina. Nós cumprimos nosso dever.

Repito mais uma vez: vivemos de alegria; pela alegria que fomos combater e por isso morremos. Que a tristeza nunca se junte ao nosso nome.

J.F

19-V-1943

22 de maio de 1943

Concluído e assinado. Desde ontem, meu caso ante o juiz de instrução está encerrado. Isso está avançando mais rápido do que o esperado. Parece que eles estão com pressa. Lída Flacha e Mirek são meus companheiros de julgamento. A fraqueza de Mirek não o ajudou.

Com o juiz de instrução tudo foi correto e frio como gelo. Na Gestapo, pelo menos, havia um pouco de vida, algo terrível, mas vivo. Havia paixão por dentro: por um lado, a paixão

dos lutadores e, por outro, a paixão dos caçadores, dos animais selvagens ou dos simples ladrões. Alguns dos que estavam do outro lado tinham até uma espécie de convicção. Mas aqui, o magistrado examinador entende apenas a burocracia: grandes crachás com a suástica proclamam convicções que estão basicamente ausentes. É o escudo por trás do qual o pobre empregado se esconde, determinado a sobreviver a essa era de qualquer maneira. Não é ruim nem bom para o acusado. Ele não sorri ou franze a testa. Exercício. Sem sangue; apenas uma sopa aguada.

A acusação está pronta, assinada e agora eles adicionam todos os parágrafos que desejam. São citados seis crimes de alta traição, uma conspiração contra o Reich, a preparação de um levante armado e não sei quantas outras coisas. Um desses que seja já seria o suficiente.

Lutei aqui por treze meses pela vida de outras pessoas e pela minha. Corajosamente e astuciosamente. Os nazistas têm A "astúcia nórdica" incluída em seu programa. Eu acho que também soube como usá-la. Me venceram pela simples razão de que eles tinham também um machado nas mãos.

Essa luta, então, acabou. Agora o período de espera começa. Duas, três semanas para preparar a acusação. Depois, a viagem ao Reich, aguardando a reunião do Tribunal, a sentença e, finalmente, cem dias na capela até a execução. Essas são as perspectivas. Talvez ainda quatro ou cinco meses. Durante esse tempo, muitas coisas podem mudar. Durante esse tempo, tudo pode mudar. Daqui não posso julgar. Um desenvolvimento mais rápido de eventos no exterior também pode acelerar nosso fim. E com isso tudo se equilibra.

É uma corrida entre esperança e guerra. Uma corrida entre a morte e outra morte. O que virá primeiro? A morte do fascismo ou a minha? Essa é uma pergunta que só eu penso? Não. Essa mesma pergunta é feita por dezenas de milhares de prisioneiros, a mesma pergunta é feita por milhões e milhões de soldados, a mesma pergunta é feita por dezenas de milhões de homens e mulheres em toda a Europa e em todo o mundo. Alguns têm mais esperança e outros menos. Mas é apenas aparentemente. Os horrores com que o capitalismo decadente inundou o mundo são ameaças supremas a todos. Centenas de milhares de homens - e que homens! - ainda cairão antes que os sobreviventes possam responder: eu sobrevivi ao fascismo.

Agora, a conta é de apenas meses e em breve serão dias. Mas precisamente esses serão os mais cruéis.

Eu sempre pensei como seria triste ser o último soldado tocado no coração pela última bala e no último momento da guerra.

Mas alguém tem que ser o último. E se eu assumisse que poderia ser eu, iria agora mesmo. O pouco tempo que fiquei na prisão de Pankrác não me permite dar a este testamento a forma que deveria ter. Tenho que ser mais breve. Meu testemunho constituirá no testemunho de homens e não de uma era inteira. Acho que é a coisa mais importante.

Comecei essas figuras com o casal Jelínek, pessoas simples que, em tempos normais, não lhe pareceriam heróis. No momento da prisão, eles estavam lado a lado, com as mãos para cima: ele, pálido; ela, com as rosetas da tuberculose nas bochechas. Seus olhos ficaram um pouco assustados quando viram como, em cinco minutos, a Gestapo transformou a ordem exemplar que reinava em sua casa em desolação. Então ela lentamente virou a cabeça em direção ao marido e perguntou:

— Pepe: e agora, o que vai ser?

Ele sempre foi de falar pouco. Encontrava com dificuldade as palavras. Falar lhe inquietava. Mas nesse momento respondeu tranquilamente e sem nenhum esforço.

— Vamos à morte, Maria.

Ela não soltou um grito. Nem se comoveu. Poucas horas depois, a levaram para fora do escritório do comissário encarregado do “interrogatório” quase sem saber dos golpes recebidos. Mas nem mesmo capturando-a, conseguiram tirar alguma coisa dela. Nem então nem mais tarde.

Não sei o que aconteceu com eles durante o tempo em que estava deitado na minha cela, incapaz de ser interrogado. Mas sei que durante todo esse tempo eles não disseram nada. Estavam me esperando. E então, quantas vezes Pepe foi espancado, espancado e espancado! Mas ele não disse nada, antes que eu pudesse lhe dizer ou pelo menos indicar com meus olhos o que poderia ou deveria dizer, a fim de desorientar a investigação.

Antes, Maria era sensível às lágrimas. Foi assim que a conheci até o momento de sua prisão. Mas durante toda a sua estadia na Gestapo, nunca vi uma lágrima em seus olhos. Ela

amava sua casa, mas quando os camaradas do lado de fora lhe disseram, para lhe dar satisfação, que sabiam quem havia roubado os móveis de sua casa e que estavam a vigiando, ela respondeu:

— Pro Diabo os móveis! Não percam tempo com eles. Agora devem se ocupar de coisas mais importantes: trabalhar no nosso lugar. Primeiro é preciso fazer uma limpeza geral e depois, se eu sobreviver, eu mesma porei minha casa em ordem.

Um dia levaram os dois. Cada um para um lado. Em vão busquei o lugar de destino. Na Gestapo, as pessoas desaparecem sem deixar vestígios, ocultadas em milhares de cemitérios. Ah, que colheita sairá deste terrível semear! Sua última mensagem foi:

— Chefe, diga aos de fora que ninguém se compadeço por mim ou se aterrorize por meu destino. Fiz o que ordenava meu dever de operária, e como tal morrerei.

Era "apenas uma empregada". Não tinha nenhuma cultura clássica e não sabia que no passado já havia se dito:

"Forasteiro, vê e diga a Esparta que aqui morremos por obedecer às leis."

Os Vysusil

Os Vysusil moravam na mesma casa, no apartamento vizinho dos Jelínek. Eles também eram José e Maria. Uma família de funcionários juniores, um pouco mais velhos que seus vizinhos. José era um garoto alto do bairro de Nusle e aos dezessete anos foi mobilizado para a Primeira Guerra Mundial. Semanas depois, foi hospitalizado como resultado de uma fratura no joelho, da qual nunca se recuperou. Se conheceram no hospital de Brno, onde Maria trabalhava como enfermeira. Ela era oito anos mais velha que ele e vinha de um casamento ruim.

Depois da guerra, ela se casou com José. E, algo de enfermeira, algo de mãe, permaneceu consigo para sempre. Não vieram de famílias proletárias; nem eles eram uma família proletária. Ainda mais complicado, mais difícil foi o caminho para o Partido: mas o encontraram. E o encontraram passeando - como em muitos casos semelhantes - pela União Soviética. Muito antes da ocupação nazista sabiam e queriam esconder em sua casa camaradas alemães.

Nos tempos mais difíceis, após o ataque à União Soviética e o primeiro estado de guerra, em 1941, os membros do Comitê Central se reuniram em sua casa. Honza Zika, Honza Cerny

e, mais frequentemente, eu, dormimos lá. Lá, em sua casa, se editava o *Rudé Právo*, ali decisões foram tomadas e ali conheci "Carlos" pela primeira vez: o Cerny.

Eram conscientes, sérios e atenciosos; encontravam a saída certa sempre que surgia uma situação comprometedora, o que, na clandestinidade, acontecia mais do que o esperado. Não teria ocorrido a ninguém que esse funcionário esbelto das "estradas de ferro" e que a "jovem senhora" Vysusil estivessem envolvidos em assuntos políticos.

O prenderam logo depois de mim. Fiquei horrorizado ao vê-lo aqui pela primeira vez. Se ele falasse, as consequências seriam graves. Mas ficou calado. Foi detido por uns manifestos que havia dado para um amigo ler. E tudo ficou na questão dos manifestos.

Alguns meses depois, quando pela indisciplina de Pokorny e Pixová descobriu que Honza Cernú estava na casa da irmã da senhora Vysusil, os nazistas por dois dias consecutivos e à sua maneira, "interrogaram" José para arrancar-lhe uma pista sobre último camarada de nosso Comitê Central. No terceiro dia, ele chegou à "400" e sentou-se com cautela: senta-se muito mal sobre as carnes dilaceradas. Lancei-lhe um olhar ansioso, questionando e encorajando-o. Respondeu graciosamente, no léxico de sua vizinhança:

— Quando a cabeça não quer, não falam nem a boca nem a bunda.

Conhecia bem essa pequena família. Sabia o quanto eles se amavam, sua saudade quando estavam separados um do outro, mesmo que fosse apenas por um dia ou dois. No entanto, os meses passaram e quanto a vida deve ser triste naquele quarto aconchegante de Nusle, perto de Michie, para uma mulher solteira, naquela idade em que a solidão é três vezes mais difícil de suportar do que a morte. Quantos sonhos deve tido para ajudar o marido a restabelecer aquele pequeno apelido pelo qual se chamavam - um pouco ridiculamente, é verdade – "mãezinha" e "papaizinho". E encontrou novamente a única forma: perseverar no trabalho, trabalhar pelos dois.

Na véspera do Ano Novo de 1943, sentada sozinha em frente à fotografia de José e no mesmo lugar em que ele costumava sentar, estava esperando o sino das doze horas. E quando tocaram, brindou a José por seu retorno, porque ele poderia alcançar o dia da liberdade.

Um mês depois, ela foi presa. Muitas pessoas na "400" tremeram, porque ela era o contato encarregado das relações com a prisão.

Mas não disse nada.

Não a torturaram com espancamentos: ela estava gravemente doente e teria morrido em suas mãos. A torturaram com algo mais terrível: atacando sua imaginação. Poucos dias antes de sua prisão, seu marido foi enviado para trabalhar na Polônia. Agora lhe diziam:

— Veja: a vida é difícil, mesmo para pessoas saudáveis. E seu marido está doente. Não sairá desta. Perecerá em qualquer lugar e tu não o verá mais. E quem tu encontrarás mais tarde, daqui uns anos? Seja razoável. Conte-nos tudo o que sabe e te devolveremos ele em seguida

Meu Pepe! Meu pobre Pepe! Vai perecer lá, na Polônia, quem sabe onde e quem sabe qual será sua morte! Já mataram minha irmã: agora estão matando meu marido. Vou ficar sozinha, completamente sozinha. Quem eu poderia encontrar mais tarde, daqui uns anos? Sozinha, abandonada até a morte ... e eu poderia salvá-lo. Eles o devolveriam para mim, sim, mas a que preço? Mas então eu já não seria eu, e ele não seria meu "papaizinho".

E ela não disse nenhuma palavra.

Desapareceu em um daqueles transportes anônimos da Gestapo. Pouco tempo depois, recebemos a notícia de que José havia morrido na Polônia.

Lída

A primeira vez que cheguei à casa dos Baxa foi à tarde. Havia apenas Josefina com uma pequena garota de olhos vivos chamada Lída. Era ainda uma menina e estava olhando curiosamente para minha barba o tempo todo, feliz por comigo ter entrado uma coisa nova e interessante na casa, com a qual ela poderia se divertir por um tempo. Rapidamente nos tornamos amigos. Com grande surpresa, soube que essa criatura tinha quase dezenove anos de idade. Era a meia-irmã de Josefina e seu sobrenome era *Plachá*[13], embora tivesse muito pouco disso. Atuou como uma amadora no teatro, que adorava.

Me tornei seu confidente. Pelo menos ela confiou em mim suas decepções e seus sonhos de juventude e me usou como juiz nos litígios que teve com a irmã. Porque ela se deixou levar pelo temperamento, como costuma acontecer com as meninas jovens, e ficou muito mimada, assim como aquelas crianças ansiosas e as que nasceram atrasadas.

[13] Tímida.

Ela me acompanhou quando saí da casa pela primeira vez depois de seis meses. Um homem maduro, mancando, atrai menos atenção acompanhado por sua filha do que se caminhar sozinho. Os olhares estão atrás dela mais do que atrás dele. Pela mesma razão, também me acompanhou na minha segunda caminhada e depois do primeiro encontro clandestino. E na primeira casa clandestina. E assim tem sido, como a acusação agora diz, é assim que as coisas aconteceram naturalmente. Lída se tornou meu contato.

Ela fez isso com prazer. Não se importava muito com o que aquilo significava ou para o que era. Era algo novo, interessante, algo que nem todo mundo faz, e com um certo sabor de aventura. Isso foi o suficiente para ela.

Contanto se tratassem de pequenas coisas, eu não queria contar mais a ela. A ignorância, em caso de prisão, a teria protegido melhor do que a consciência da "culpa".

Mas Lída se familiarizou com seu trabalho. Logo, ela sabia fazer mais do que dar um passeio pela casa dos Jélinek para entregar qualquer mensagem a eles. Também devia saber do que se tratava. E eu a instruí. Era uma aula, uma aula com todas que a lei permite. Lída aprendeu com devoção e prazer. À primeira vista, sempre foi a mesma garota alegre, descontraída e um pouco travessa, mas por dentro já havia mudado: ela pensou. E cresceu.

No cumprimento de uma tarefa, conheceu Mirek. Ele já havia feito um trabalho importante, do qual falava muito bem. Conseguiu impressioná-la. Sem dúvida, não era possível que ela soubesse a verdadeira profundidade de seu caráter, mas neste caso eu também não era capaz de conhecê-la. O importante era que, com seu trabalho, com sua aparente convicção, Mirek esteve mais perto dela do que os outros meninos.

Tudo isso germinou rapidamente nela e as raízes arraigaram profundamente.

No início do ano de 42, ela começou a falar, de maneira secreta, de sua adesão ao Partido. Eu nunca a tinha visto tão preocupada. Nunca levou nada tão a sério. Eu ainda estava hesitando. Ela continuou sua instrução. Estava testando ela.

Em fevereiro de 1942, foi aceita no Partido pelo Comitê Central, diretamente. Estávamos voltando para casa em uma noite gelada. Ela, sempre tão faladora, ficou calada então. Finalmente, nos campos próximos à casa, parou e em voz baixa, tão baixa que se podia sentir o farfalhar dos cristais de neve, ela me disse:

— Eu sei que é o dia mais importante da minha vida. A partir de agora não pertenço mais a mim. Prometo nunca faltar ao meu dever, haja o que houver.

Muitas coisas aconteceram. E ela não falhou em seu dever. Manteve os contatos mais delicados com as “alturas”. Executou as tarefas mais perigosas: restaurar contatos quebrados e salvar camaradas ameaçados. Se algo “ardia”, Lída ia para lá, correndo como uma enguia. Fazia isso da maneira antiga, com sua indiferença leve, sob a qual seu senso de responsabilidade se havia afirmado solidamente. Foi presa um mês depois de mim. Mirek chamou a atenção para ela com suas confissões e não era mais difícil estabelecer quem havia ajudado sua irmã e cunhado a fugir e ir para a clandestinidade. Balançando a cabeça, ela desempenhou com grande temperamento o papel de uma garota inconsciente que não tinha a menor ideia de ter feito algo proibido, o que poderia ter sérias consequências.

Ela sabia muito, mas não disse nada. E, acima de tudo, não parou de trabalhar. O medo a havia mudado. Também os métodos de trabalho e, consequentemente, as tarefas. Mas seu dever como membro do Partido não mudou: o dever de não permanecer de braços cruzados, qualquer que fosse o setor da luta. Ela continuou a executar todas as tarefas com abnegação, velocidade e precisão. Se fosse necessário sair de uma situação complicada para salvar alguém de fora, Lída assumia a “falha” de outro, como se não fosse nada extraordinário. A nomearam uma ordenança na prisão de Pankrác e, graças à sua intervenção, dezenas de pessoas desconhecidas foram capazes de escapar de serem presas. Uma mensagem interceptada quase um ano depois terminou sua “carreira”.

Agora ela vai conosco ao tribunal do Reich. Ela é a única do nosso grande grupo que justificou as esperanças de alcançar a liberdade. É jovem. Se nós nos ausentarmos, não permita que se perca. Ainda tem muito o que aprender. Instrua-a. Não deixe que fique presa. E direcione-a. Impeça que ela se orgulhe e se sinta satisfeita com o que foi feito. Ela passou pelos testes mais difíceis. Pela prova de fogo. E mostrou que tem bom senso

Meu Comissário

Este não pertence às figuras. É uma figurinha interessante, com um pouco mais de envergadura que as outras.

Quando, há dez anos, no café Flora de Praga, se batia na mesa, gritando: "Garçom, a conta!", Um homem alto e magro aparecia imediatamente, vestido de preto, nadando como uma enguia entre as mesas até oferecer a conta. Ele tinha movimentos felinos, velozes e silenciosos, e penetrantes olhos de besta que tudo veem. Nem é preciso expressar teus desejos. Ele próprio ordenava aos garçons: "Terceira mesa, um café com leite"; "À esquerda, pela janela, bolos e Lidové Noviny."[14] Era um bom garçom para os clientes e um bom colega para outros funcionários.

Naquela época, eu ainda não o conhecia. O conheci muito mais tarde, na casa dos Jelínek, quando, em vez de um lápis, tinha uma pistola na mão, apontando-a para mim, dizendo:

—... esse é o que mais me interessa.

Verdade seja dita, estávamos interessados um no outro. Ele tinha uma inteligência natural e uma vantagem sobre os outros: faro para "conhecer" as pessoas. Se pertencesse à polícia criminal, certamente teria alcançado grandes sucessos. Os pequenos ladrões ou assassinos, os desclassificados e isolados da sociedade não hesitariam em lhe abrir seus corações, porque essas pessoas não têm outra preocupação senão salvar sua pele. Mas poucos desses tipos de "salve o que puder" caem nas garras da polícia política. A astúcia da polícia não é medida aqui apenas pela astúcia do preso. É medida com muito maior força: por sua convicção e com a prudência da comunidade da qual faz parte. E contra isso nem astúcia nem golpes são suficientes.

Em "meu comissário", não se encontra uma firme convicção própria. Nem nele, nem em outros. E se por acaso, em alguns deles, se encontra uma convicção, é acompanhada de idiotice, não de astúcia ou conhecimento de ideias e homens. Se, apesar disso, alcançaram alguns sucessos, foi devido à longa duração da luta em um espaço muito limitado, em condições incomparavelmente mais difíceis do que em qualquer outra situação de ilegalidade. Os bolcheviques russos diziam que um bom militante se mantinha no clandestino por dois anos. Além disso, se se sentisse ameaçado em Moscou, poderia desaparecer e ir para Petrogrado e de Petrogrado para Odessa, perdendo-se nas grandes cidades com milhões de habitantes, onde ninguém o conhecia. Mas aqui não se tem nada além de Praga, Praga, Praga, onde metade da cidade te conhece e onde um grupo de provocadores pode se reunir. Apesar disso, sofremos

[14] Um Periódico Popular.

anos inteiros; apesar disso, há camaradas que já estão vivendo seu quinto ano de ilegalidade sem terem sido descobertos pela Gestapo. Isso é possível porque aprendemos muito, é verdade. Mas também é possível porque o inimigo, embora poderoso e cruel, não sabe nada além de destruir.

Na seção 11-A I, há três que são conhecidos por sua reputação de inimigos implacáveis do comunismo. Eles têm o distintivo preto, branco e vermelho por mérito na guerra contra o inimigo interno. São eles: Friedrich Zander e "meu comissário", José Böhm. Falam pouco do nacional-socialismo de Hitler. É tudo o que sabem. Não lutam por um ideal político. Lutam por si mesmos. Cada um à sua maneira.

Zander - um rato com bile sempre agitado - é quem mais conhece os métodos policiais. Mas sabe ainda mais sobre operações financeiras. Foi transferido de Praga para Berlim há alguns meses, mas insistiu em retornar. O serviço na capital do Reich era uma degradação para ele. E uma perda financeira. Qualquer funcionário colonial na África ou em Praga é um cavalheiro muito poderoso e tem mais chances de impor dinheiro no banco. Ele é aplicado e gosta de interrogar durante a hora das refeições, a fim de demonstrar seu valor. E precisa provar isso, para que não seja visto que põe ainda mais valor fora do escritório. Lamentável para quem cai em suas mãos e ainda mais lamentável se tiver um banco de poupança ou outras finanças em sua casa. É preciso destruí-los o mais rápido possível, porque os talões de cheque e as coisas de valor são a paixão de Zander. (A esse respeito, ele é considerado o funcionário público mais eficiente. Nisso, ele difere de seu assistente de campo, o intérprete checo Smola, um capitão pirata que não exige vida se recebe dinheiro.)

Friedrich: Um sujeito alto, magro, de cabelos escuros, olhos desonestos e um sorriso canalha, chegou à República um dia em 1937 como espião da Gestapo para ajudar a liquidar camaradas emigrantes alemães. Porque sua paixão são os mortos. Ele não conhece inocentes. Qualquer pessoa que ultrapasse o limiar de seu cargo é culpada. Gosta de comunicar às esposas a morte de seus maridos no campo de concentração ou por enforcamento. Gosta de tirar sete pequenas urnas da gaveta da mesa e mostrá-las aos prisioneiros, enquanto comenta:

— Esses sete golpeei com minhas próprias mãos até a morte. Tu serás o oitavo.

(Agora já são oito, pois assassinou Jan Zizka).

Lhe agrada vasculhar arquivos antigos e dizer, com um ar de satisfação, quando encontra um dos mortos: “Despachado. Despachado ”. Acima de tudo, gosta de torturar mulheres.

Sua predileção pelo luxo nada mais é do que um pequeno motor auxiliar de sua atividade policial: um apartamento bem mobiliado ou uma cortina aceleram sua morte. Isso é tudo.

Nergr, seu assistente checo, é meia cabeça mais baixo. É em relação à altura. Mas, para além disso, não há diferença entre eles.

Böhm, “meu comissário”, não é apaixonado por dinheiro ou por mortos, embora sua lista não seja menor que a dos anteriores. Ele é um aventureiro dominado pelo desejo de ser alguém. Também trabalhou na Gestapo por um longo tempo. Era garçom no “Napoleonic Hall” e assistia às entrevistas confidenciais de Beran. Böhm completou o que Beran não havia dito a Hitler. Mas o que foi tudo isso comparado à caça de homens, com o sentimento de possuir a vida e morte, quando se tem em suas mãos os destinos de famílias interas?

Para fazê-lo satisfeito, nem sempre era necessário que as coisas terminassem com tanta tristeza. Mas se não conseguisse se destacar de outra maneira, o pior poderia ser esperado. Quanto vale a beleza e a vida ao lado da celebridade de Eróstrato?

Ele sozinho organizou a mais ampla rede de provocadores. Um caçador com uma grande matilha de cães de caça. E caçava. Muitas vezes apenas pelo prazer de caçar. Os interrogatórios muitas vezes eram uma ocupação monótona para ele. A prisão: essa era sua obra-prima. E gostava de ver pessoas esperando por sua decisão. Certa vez, deteve duzentos motoristas e cobradores de bonde e trônibus. Ele os caçou durante o serviço, parando o trânsito e causando pânico em todo o sistema de transportes. Quão feliz ele se sentiu! Então libertou cento e cinquenta, convencido de que cento e cinquenta famílias podiam falar dele como um homem bom.

Em geral, prendia muitas lideranças, mas sem muita relevância. Eu, detido por acaso, fui a exceção.

— Tu és minha prisão mais importante — me dizia frequentemente com toda a sinceridade. Orgulhava-me de ter sido classificado como um dos casos mais importantes. Talvez tenha prolongado minha vida.

Mentíamos um para o outro, com toda a nossa força, sem interrupção e com fluidez. Eu sempre soube disso; ele, apenas algumas vezes. Mas quando a mentira já era evidente, a ignorávamos como em um acordo tácito. Creio que ele não se preocupava tanto em descobrir a verdade como com o medo de que alguma sombra ocultasse "seu grande feito".

Não considerava o pau e o ferro como o único meio de interrogar. Gostava mais da forma confidencial ou das ameaças, dependendo do caso, de acordo com a forma como valorizava o "homem" dele. Ele nunca me torturou, exceto talvez na primeira noite. Mas quando lhe interessava, me entregava aos outros com esse objetivo.

Era decididamente mais interessante e complicado que os outros. Tinha uma imaginação muito rica e sabia como usá-la. Fomos juntos em um encontro inventado em Braník[15]. Ali nos sentamos em uma taberna ao ar livre, vendo as pessoas passarem por nós.

— Te prendemos — me dizia — e veja, alguma coisa mudou por causa disso? As pessoas passeiam como antes, riem, tem suas preocupações assim como antes. O mundo gira como se tu jamais tivesses existido. Seguramente há entre eles alguns dos seus leitores. Achas que terão por ti uma ruga a mais?

Outra vez, depois de um dia de interrogatório, me meteu em um carro e atravaessando Praga me levou a Hradcany, pela rua Neruda:

— Sei que ama Praga. Olhe-a bem! Será que não queres voltar jamais para ela? Que bela que é! E será igual quando não existires mais.

Desempenhava bem o papel de Tentador. Naquela tarde de verão já se respirava em Praga a chegada do outono. Tons de azul envolviam a cidade, pulverizados como uvas maduras e intoxicantes como o vinho. Queria olhar para ela até o fim do mundo ... mas o interrompi:

—... e será ainda mais bela quando vocês não estiverem mais aqui.

Böhm riu um pouco. Não com malícia, mas com tristeza, e disse:

— Tu és um cínico... quando nós não estivermos mais... mas vamos lá, ainda não acredita em nossa vitória?

[15] Subúrbio de Praga.

Me perguntava por que ele próprio não acreditava mais. E ouviu atentamente quando eu lhe contei sobre a força invencível da União Soviética. A propósito, este foi um dos meus últimos "interrogatórios".

Os Suspensórios – Interlúdios

Suspensórios estão pendurados na porta da cela em frente à minha. Suspensórios masculinos completamente comuns. Uma peça que nunca gostei. Mas agora, toda vez que alguém abre a porta da nossa cela, eu os olho com prazer: vejo neles um raio de esperança.

Quando te prendem, te espancam - às vezes até a morte -, mas primeiro tiram tua gravata, cinto e suspensórios, para que não possa usá-los para se enforcar, embora com o lençol seja possível se pendurar perfeitamente. Esses perigosos instrumentos de morte são depositados no escritório da prisão até o momento em que um Ceifador anônimo da Gestapo decide te mandar para outro local: trabalhar, para o campo de concentração ou para a forca. Então eles te chamam e com grande dignidade oficial devolvem os suspensórios, a gravata e o cinto. Mas não se tem o direito de levá-los à sua cela: deve-se pendurá-los do lado de fora, ao lado da porta ou no parapeito oposto, onde ficam expostos até a saída, como sinal visível da próxima viagem involuntária de um dos habitantes da célula.

Todos nós vivemos aqui nessa atmosfera. Hoje, um mês atrás, um ano atrás, continuamente olhando para o amanhã, no qual repousa nossa esperança. Tua sorte está lançada. Depois de amanhã podes ser baleado. Ah, mas o que pode acontecer ainda amanhã ? Chegar apenas amanhã, porque amanhã tudo pode mudar; é tudo tão instável, sim, quem sabe o que pode acontecer amanhã! E as manhãs passam. Milhares caem. Para milhares, não há novos dias. Mas aqueles que ainda estão vivos continuam a viver com uma esperança fixa: amanhã. Quem sabe o que pode acontecer amanhã!

É daí que vêm os contos mais fantásticos. Toda semana, uma data cor-de-rosa anuncia o fim da guerra e cada um a recebe com a boca aberta de orelha a orelha. Toda semana, a prisão de Pankrác murmura uma novidade sensacional, tão agradável de acreditar. Se luta contra isso, se luta contra falsas esperanças, porque elas não fortalecem, mas, pelo contrário, enfraquecem as consciências. O otimismo não deve ser alimentado com mentiras, mas com a verdade, com uma visão clara da vitória indubitável. Mas, em seu coração, o fundamental te leva a considerar

esse dia como decisivo e que cada dia que ganhas se ultrapasse os limites que separam a vida que não se deseja abandonar da morte que o ameaça.

A vida humana tem tão poucos dias! E, no entanto, aqui se deseja que eles passem rapidamente, o mais rápido possível. O tempo que passa, o tempo imperceptível que te faz sangrar o tempo todo, aqui é teu amigo. Que estranho!

O amanhã se torna ontem. Depois de amanhã hoje. Mais um dia se passou.

Os suspensórios ainda estão pendurados ao lado da porta da frente.

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Capítulo VI: O Estado de sítio de 1942

27 de maio de 1943.

Faz exatamente um ano.

Do interrogatório, me levaram para a "sala de cinema". Era a viagem diária desde a "400": ao meio-dia, no térreo, até a comida trazida de Pankrác e, à tarde, de volta ao quarto andar. Mas naquele dia não subimos as escadas.

Estás sentado comendo. Os bancos estão cheios de prisioneiros, que seguram a colher e mastigam. Parece quase humano. Se todos aqueles que morreriam amanhã fossem transformados em esqueletos, o tilintar de colheres e tigelas desapareceria subitamente entre o ranger de ossos e o estalar seco dos maxilares. Mas então ninguém suspeitava disso ainda. Todos se entregavam à comida para viver semanas, meses, anos.

Se poderia ter dito: é uma hora boa. E então uma forte rajada de vento e novamente o silêncio. Somente pelos rostos dos guardas era possível adivinhar que algo estava errado. Um pouco depois, nos chamam e nos alinham, para nos transferir para Pankrác ao meio-dia. Isso é extraordinário. Meio-dia sem interrogatório, quando já se está cansado de perguntas sem respostas. É como um presente dos deuses. Mas não é.

No corredor, encontramos o general Eliás. Seus olhos estão muito animados. Ele me vê e sussurra para mim, entre o grupo de vigilantes:

— Estado de sítio.

Os presos têm apenas frações de segundo para as comunicações mais importantes. À minha pergunta muda, não pôde mais responder. Os vigilantes de Pankrác se mostram surpresos com nosso retorno prematuro. O que me leva à cela inspira mais confiança. Ainda não sei quem ele é. Mas eu digo o que ouvi. Move a cabeça. Não sabe nada. Devo ter ouvido errado. Sim é possível. Isso me tranquiliza. Na mesma tarde, ele retorna à cela e diz:

— Tinha razão. Atentado contra Heydrich, gravemente ferido. Estado de sítio em Praga.

No dia seguinte nos juntam lá embaixo, no corredor, para nos levar aos interrogatórios. Entre nós também está o camarada Viktor Synek, o último membro vivo do Comitê Central do Partido, preso em fevereiro de 1941. O carcereiro, vestido com o uniforme da S.S, agita diante de seus olhos um papel branco no qual, em letras grossas, pode ser lido o seguinte:

— *Entlassungsbefehl*.[16]

Ri brutalmente.

— Já não vês, judeu; não esperou em vão: a ordem de te dar baixa!

E mostra com o dedo no lugar da garganta por onde a cabra de Viktor se separará do corpo. Otto Synek foi o primeiro executado durante o estado de sítio de 1941. Viktor, seu irmão, é a primeira vítima do estado de 1942. O transportam para Mauthausen. "Para casa", como dizem "nobremente".

A viagem de ida e volta de Pankrác ao Palácio de Petschek é uma provação diária para milhares e milhares de prisioneiros. Os S.S que vigiam nos carros "se vingam de Heydrich". Antes de o carro percorrer um quilômetro, dos dez prisioneiro o sangue já jorra de suas bocas e as cabeças logo são quebradas com as pontas dos revólveres. Minha eventual presença no carro é uma vantagem para os outros, pois minha barba peluda atrai os S.S e os leva a fazer piadas engenhosas. Segurar minha barba como a maçaneta de um carro e sacudi-la violentamente são alguns de seus prazeres favoritos. Para mim são uma boa preparação para os interrogatórios, de acordo com a situação geral, que invariavelmente terminam com a frase:

— Se amanhã não fores razoável, será fuzilado.

Não há mais nada de horrível nisso. Toda noite, ouve-se a chamada no corredor: cinquenta, cem, duzentas pessoas acorrentadas são carregadas nos caminhões como bestas destinadas ao matadouro. São levados para Kobylisy, onde são efetuadas execuções sumárias. Sua culpa? Não ter culpa, principalmente. Foram detidos, não estão sujeitos a nenhum processo, não são necessários como testemunhas e, portanto, são bons para a morte. Um poema satírico que um camarada leu para nove outros foi a causa de sua prisão, dois meses antes do ataque. Agora, os dez são executados por "aprovar o ataque". Há meio ano, uma mulher foi presa por

[16] Ordem de baixa.

suspeita de distribuição de manifestos ilegais. Ela nega. Então eles prenderam suas irmãs e irmãos, os maridos e as esposas de seus irmãos e os executaram todos, porque o slogan desse estado de sítio é exterminar famílias inteiras. Um carteiro, preso por engano, permanece no andar de baixo junto à parede, esperando ser libertado. Ouve seu nome e atende a chamada. Eles o alinham na coluna dos condenados à morte, o levam embora, o matam e, no dia seguinte, descobrem que era apenas uma coincidência de nomes e que era outra pessoa que deveria ter sido baleada. Então atiram no outro e está tudo em ordem. Por que perder tempo descobrindo a identidade das pessoas cuja vida será tirada? Além disso, não é supérfluo quando se trata de exterminar uma nação inteira?

Retorno do interrogatório tarde da noite. Ao lado da parede está o escritor Vladimfr Vancura, com um embrulho aos pés. Eu sei bem o que isso significa. Ele também sabe. Apertamos as mãos. Eu o vejo pela última vez do topo do corredor. Ele está lá, com a cabeça inclinada e um olhar distante, distante, que atravessa sua vida de um lado para o outro. Meia hora depois pronunciam seu nome... Alguns dias depois, Milos Krásny, um bravo soldado da revolução, foi preso em outubro do ano passado, a quem nem as torturas nem as masmorras do castigo foram capazes de subjugar. Meio voltado para a parede, calmamente explica algo para um segurança atrás dele. Ele me vê, sorri, balança a cabeça em despedida e continua:

— Nada disso os ajudará em nada. Muitos de nós ainda cairão, mas sereis vós os derrotados.

E novamente, também ao meio-dia. Estamos no porão do Palácio Petschek, esperando a comida. Eles trazem o general Eliás. Traz um jornal debaixo do braço e aponta para ele com um sorriso: através dele, descobriu seus “vínculos” com os autores do atentado.

— Besteira — disse rapidamente e se pôs a comer.

Continua falando da mesma coisa à tarde, quando volta com os outros para Pankrác. Uma hora depois, o tiram da cela e o levam para Kobylisy. As pilhas de mortos aumentam. Já não são mais contados em dezenas ou centenas, mas em milhares. O sangue sempre fresco excita as narinas dos animais. Eles “despacham” até tarde da noite. “Despacham” mesmo aos domingos. Agora todos usam o uniforme da S.S. É a festa deles, a festa do crime. Enviam para a morte trabalhadores, camponeses, professores, escritores, funcionários; matam homens,

mulheres e crianças; exterminam famílias inteiras; aldeias inteiras são arrasadas e queimadas. A morte por chumbo viaja como uma praga pelo país, sem distinção.

E o homem, no meio desse terror?

Vive.

É incrível. Mas vive, come, dorme, ama, trabalha e até pensa em milhares de coisas que nada têm a ver com a morte. Talvez carregue um peso terrível no pescoço, mas o carrega sem abaixar a cabeça, sem sucumbir ao peso.

No meio do estado de sítio, "meu comissário" me levou a Braník. O lindo mês de junho estava imbuído do perfume das tílias e das flores tardias da acácia. Era uma tarde de domingo. A estrada nos terminais do bonde era insuficiente para a corrente que corria dos que retornavam das excursões. Voltaram barulhentos, felizes, agradavelmente cansados, queimados pelo sol, pela água e pelos braços de seus entes queridos. Morte, apenas a morte, que flutuava ao redor deles, ameaçando também a eles, era a única coisa que não refletia em seus rostos. Eles estavam pulando, saltitantes e simpáticos como coelhos. Como coelhos. Estenda a mão e escolha um deles, de acordo com o seu apetite. Se amontoam em um canto, mas instantaneamente voltam a zumbir, com todas as precauções, alegria e desejo de viver.

De uma só vez, fui transplantado do mundo cercado da prisão para esse riacho torrencial e, a princípio, gostei amargamente de sua doçura beatífica.

Não era justo; não era justo.

Era a vida que eu via ali; vida sob terrível pressão, abatida em uma e crescendo em cem. Vida, que é mais forte que a morte. E isso não é amargo.

Além disso, nós mesmos, nas masmorras, no meio do terror, porventura somos de um tipo diferente?

Algumas vezes fui aos interrogatórios nos camburões da polícia, nos quais os guardas dirigiam com moderação. Pelas janelas, contemplava as ruas, as vitrines, os quiosques de flores, a massa de pedestres, as mulheres. "Se eu puder contar nove pares de pernas bonitas, eu disse a mim mesma uma vez, não serei executado hoje". E então contava, olhava, comparava,

examinava cuidadosamente suas linhas, reconhecendo e rejeitando com interesse apaixonado, não como se minha vida dependesse disso, mas como se não tivesse nada a ver com a vida.

Regularmente retornava tarde à cela. O pai Pesek já estava inquieto, pensando: ele voltará? Me abraçava; eu dizia a ele em poucas palavras o que havia de novo, quem mais caíra em Kobylisy ontem. Depois comemos com apetite feroz os nojentos vegetais secos, cantamos músicas alegres ou tristes e jogamos aquele jogo estúpido de dados que nos deixou apaixonados. Era precisamente à tarde quando, a todo momento, a porta da cela podia se abrir e a mensagem da morte, destinada a um de nós, podia chegar.

— Um dos dois, aí embaixo! Pegue teus pertences. Rápido.

Dessa vez não nos chamaram. Sobrevivemos a esses tempos de terror. Hoje nos lembramos deles com estranheza, sobre nossos próprios sentimentos. Do que é feito o homem, que pode suportar até o insuportável!

Mas seria impossível que aqueles momentos não nos deixassem marcas profundas. Talvez permaneçam como um rolo de filme enrolado ao cérebro, e começarão a desenrolar, desenrolar até nos fazer enlouquecer um dia na vida real, se pudermos viver. E talvez também os vejamos como um grande cemitério, um jardim verde no qual essas sementes preciosas foram semeadas.

Sementes preciosas que germinarão.

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Capítulo VII: Figuras e Figurinhas (II)

Pankrác

A prisão tem duas vidas. Uma trancada nas celas, rigorosamente isolada do mundo exterior, mas ligada a ela pelos laços mais íntimos, sobretudo quando se trata de presos políticos. E a outra está fora das celas, nos longos corredores, na triste melancolia: vida totalmente fechada em si mesma, de uniforme, mais isolada do que os prisioneiros nas celas. Pessoas entre as quais existem muitas figurinhas e poucas figuras. É sobre isso que quero falar.

Tem sua zoologia. E também sua história. Se não tivesse, não seria capaz de conhecê-la tão profundamente. Conheceria somente o cenário que nos defronta; apenas sua fachada, aparentemente inteira e sólida, que pesa como ferro sobre a população das celas. Assim foi por um ano; bem, seis meses atrás. Agora, essa fachada está cheia de fissuras, através das quais são percebidos rostos: pobres, agradáveis, preocupados, mesquinhos, variados, mas sempre rostos de criaturas humanas. A situação dolorosa do regime coloca todos os membros deste mundo cinza sob pressão e traz à luz tudo o que há de humano neles. Às vezes muito pouco. Outros algo mais. Essa quantidade os distingue entre si e forma os tipos. Obviamente, também se encontra homens inteiros entre eles. Mas estes não duravam muito. Não precisavam se sentir em perigo para ajudar os outros a se salvarem do perigo.

A prisão é uma instituição sem alegria. Mas esse mundo fora das celas é mais triste do que o mundo das celas. A amizade reina nas células. E que amizade! É daquelas que são forjadas apenas no fronte, em grandes perigos, quando tua vida pode estar em minhas mãos hoje e a minha amanhã nas tuas. Esse tipo de amizade não existe entre os vigilantes alemães. E não pode existir. Eles estão cercados por uma atmosfera de denúncia: um denuncia e persegue o outro, cada um deles em guarda um contra o outro, mesmo se oficialmente se chamarem “camaradas”. Os melhores deles, aqueles que não podem ou não querem ficar sem amigos, os procuram nas celas.

Durante muito tempo não sabíamos seus nomes. Não era de grande importância. Nós os designamos pelos apelidos que lhes demos ou que nossos predecessores lhes deram. Tais apelidos são uma herança da cela. Certos guardas tinham mais apelidos que celas na prisão. Eram do tipo intermediário: nem carne nem peixe. Em um dia, davam aqui um pouco de comer, no outro, golpeavam um homem na cara. Bastavam apenas alguns segundos de contato com os

prisioneiros, e logo já estavam gravados para sempre na memória da cela, cada um deixando uma ideia específica, um apelido especial. De tempos em tempos, no entanto, as celas concordavam em escolher o apelido. Nos casos cujo caráter estava bem definido. Uma característica ou outra. As boas ou as más.

Vejam só esses tipos! Vejam essas figurinhas!

Não foram reunidos por acaso. São uma parte do exército político do nazismo. Os homens escolhidos. As vigas do regime. Os pilares de sua sociedade...

"O Samaritano"

Um homem grande e gordo com uma voz baixa: Rheuss, "reservista da S.S", síndico de uma escola de Colônia, no Reno. Como todos os síndicos da Alemanha, fez um curso de primeiros socorros e, de tempos em tempos, substituía a enfermeira do hospital da prisão. Foi a primeira pessoa com quem entrei em contato em Pankrác. Ele me arrastou para a cela, me deitou no colchão e cuidou de minhas feridas aplicando as primeiras compressas. Talvez tenha ajudado a salvar minha vida! Não sei quem se revelou porém: se o homem ou o curso de primeiros socorros. Mas tenho certeza de que o nazista apareceu nele quando quebrou os dentes dos prisioneiros judeus e os forçou a engolir colheres inteiras de sal ou areia como remédio universal contra todas as doenças.

"O filho do moleiro"

Fabian, um homem cordial e charlatão, cocheiro na cervejaria Budéjovice. Chega à cela com um sorriso largo e distribui a comida sem machucar ninguém. Não se podia acreditar que ele passa horas inteiras atrás da porta, ouvindo o que está sendo dito nas celas e depois correndo a se comunicar com seus superiores a cada pequena e ridícula notícia.

Koklar

Também operário em uma cervejaria da Budéjovice. Há muitos desses trabalhadores alemães sudetos aqui. "Não importa o que um trabalhador individual pense ou faça - escreveu Marx -, mas o que os trabalhadores, como classe, devem fazer para cumprir sua missão histórica". Aqui, eles não sabem nada sobre o papel de sua classe. Arrancados dela, colocados em frente a ela, ficam suspensos ideologicamente no ar e provavelmente um dia serão enforcados, no verdadeiro sentido da palavra.

Passou para o lado dos nazistas para ter uma vida mais fácil. Mas isso, como foi demonstrado, era mais complicado do que imaginava. Desde então, ele perdeu o sorriso. Apostou tudo pela vitória do nazismo. E ficou provado que apostou nas pernas de um cavalo morto. Desde então, também perdeu o controle dos nervos. Durante a noite, atravessava os corredores da prisão e, sem perceber, deixava rastros de suas ideias desesperadas na poeira das janelas.

— Tudo está perdido — escrevia poeticamente, pensando no suicídio.

Durante o dia assusta os presos e os vigilantes, gritando com sua voz afeminada e atropelada para não sentir medo.

Rössler

Alto, esbelto, com uma voz grave áspera. Um dos poucos que sabem rir sinceramente aqui. Trabalhador têxtil na região de Jablonec. Vem para a cela e debate. Horas inteiras.

— Como cheguei a isso? Em dez anos, não trabalhei regularmente nehuma vez. Com vinte coroas por semana para toda a família, tu sabes que vida é esta? E então eles vêm e me dizem: nós lhe daremos trabalho; venha conosco. Eu vou e me dão. A mim e a todos os outros. Nós podemos comer. Podemos morar. Podemos viver. O socialismo? Bom, não é o socialismo. Creio que isso é diferente. Mas é melhor do que antes.

— E porque não? A guerra? Eu não queria a guerra. Não queria que os outros morresse. Eu só queria viver.

— Por que os ajudo, querendo ou não? Ora, que devo fazer agora? Fiz mal a alguém aqui? Vou embora e talvez venha alguém pior. Ajudo alguém indo embora? Quando a guerra terminar, voltarei pra fábrica...

— Quem tu achas que vai ganhar a guerra? Nós não? Vós? E o que será de nós depois?

— O fim? Que lástima! Eu havia me imaginado de outra maneira...

E ia embora da cela com passo largo e negligente.

Meia hora depois volta com uma pergunta: Como é, de verdade, a União Soviética?

“Ele”

Certa manhã, estávamos esperando no térreo, no salão principal de Pankrác, para sermos levados aos interrogatórios no Palácio Petschek. Era assim que acontecia todos os dias: de pé com a testa contra a parede para não ver o que estava acontecendo às nossas costas. Mas naquela manhã uma nova voz soou atrás de nós.

— Não quero ver nada. Não quero ouvir de nada. Ainda não me conhecem, mas logo me conhecerão.

Eu ri. Nesta escola de adestramento, a citação ao pobre e cretino tenente Dub de Svejk[17] estava realmente em seu lugar. E ninguém teve coragem de expressar essa piada em voz alta. Mas um toque do meu vizinho me avisou para não rir, que talvez eu estivesse errado, não era uma piada. E não era.

O que falou assim atrás de nós foi uma pequena criatura no uniforme da S.S, que, visivelmente, não tinha a menor ideia de quem era Svejk. E se ele falava como o tenente Dub, era porque intelectualmente estava no mesmo nível que ele. Respondia pelo nome de Withan e tal como Vitan havia sido sargento-chefe do exército da Checoslováquia. Tinha razão: nós o conhecemos perfeitamente e jamais falamos sobre ele de outra maneira que não fosse pelo pronome neutro. Era o “Ele”.

Porque, para dizer a verdade, nossa imaginação havia chegado ao fim quando se tratava de encontrar um apelido adequado para essa rica mistura de cretinismo, estupidez, orgulho e maldade que era um dos principais apoiadores do regime em Pankrác.

“Ele” nem chegou aos joelhos do porco, como diz um ditado popular checo sobre essa classe de pequenos carreiristas vaidosos, para feri-los nos locais mais sensíveis. Quanta insuficiência intelectual é necessária para o homem sofrer por sua baixa estatura? E Withan sofre por ela e se vinga contra tudo que é maior que ele física e intelectualmente. Em outras palavras, contra tudo.

Sua vingança não é baseada em golpes. Lhe falta a audácia para isso. Se vinga com a denúncia. Quantos prisioneiros pagaram as queixas de Withan com sua saúde e quantos outros

[17] Personagem da novela satírica “O bom soldado Svejk”, do checo J. Hasek.

pagaram com suas vidas! Porque não é o mesmo partir com uma ou outra fama de Pankrác até o campo de concentração.

É infinitamente ridículo. Caminha com dignidade, completamente sozinho, pelo corredor e sonha com sua grande importância. Toda vez que conhece um homem, sente a necessidade de subir em qualquer lugar. Se te interroga, se sentará na balaustrada, mantendo-se por uma hora nessa posição embaraçosa, porque dessa maneira consegue alcançar tua cabeça. Se vigia o barbear, sobe em uma pequena escada ou em um banco, pronunciando suas espirituosas sentenças:

— Não quero ver nada. Não quero ouvir de nada. Ainda não me conhecem, mas logo me conhecerão.

Durante a meia-hora de exercícios, ele caminha, pelo menos, sobre a grama, que o eleva dez centímetros acima de tudo ao seu redor. Entra na cela com a majestade de um rei, para subir imediatamente em uma cadeira e realizar o controle desde cima.

É infinitamente ridículo, mas - como todos os imbecis em posição de poder sobre a vida das pessoas - também é infinitamente perigoso. No fundo de sua estupidez está uma habilidade rara: transformar uma pulga em um elefante. Ele não sabe nada além de sua tarefa como cão de guarda e, portanto, o menor desvio da ordem estabelecida parece-lhe uma grande coisa, digna da importância de sua missão. Inventa e fabrica delitos e crimes contra os regulamentos da prisão, a fim de poder dormir em paz, acreditando ser alguém. E quem aqui está interessado em descobrir se há alguma verdade em suas queixas?

Smetonz

Um ar marcial com um rosto cretino e olhos inexpressivos. Caricatura viva dos capangas nazistas de Grosz. Ordenhava vacas na fronteira da Lituânia e é raro que este belo gado não tenha deixado vestígios de sua nobreza. Para seus superiores, ele personifica as virtudes alemãs: é afiado, duro, incorruptível. (Um dos poucos que nunca pede parte de nossa comida para as ordenanças.) No entanto...

Um sábio alemão - já não sei qual - calculou a inteligência das criaturas de acordo com o número de “palavras” que são capazes de formar. Parece-me que ele descobriu que a criatura

menos inteligente é o gato, que sabe formar apenas 128 “palavras”. Ai! quem é o gênio ao lado de Smetonz, de cuja boca Pankrác nunca ouviu mais de quatro palavras:

— *Pass bloss auf, Mensch*![18]

Duas, três vezes por semana, ele transmitia o serviço. Duas, três vezes por semana, lutava desesperadamente e, no final, tudo estava sempre errado. Eu o vi quando o diretor da prisão o repreendeu por não ter deixado as janelas abertas. Por um momento, a montanha de carne oscilou duvidosamente sobre as pernas curtas; a cabeça, curvada estupidamente, se humilhou ainda mais; os cantos de seus lábios caíram do enorme esforço feito para repetir exatamente o que seus ouvidos ouviram ... E de repente, todo esse assunto começou a uivar como uma sirene, causando alarme em todos os corredores. Ninguém sabia do que se tratava. As janelas ainda estavam fechadas, mas o sangue jorrou do nariz do prisioneiro mais próximo de Smetonz. Havia encontrado a solução!

A solução usual. Bata, bata em todos que caem sob sua mão. E talvez até a morte. É a única coisa que ele entende. Uma vez, ao entrar em uma cela comum, ele espancou um dos prisioneiros. O prisioneiro, um homem doente, caiu no chão, vítima de uma crise. E todos os outros prisioneiros foram forçados a fazer flexões, seguindo o ritmo dos espasmos, até que o paciente estivesse completamente exausto. E Smetonz, com as mãos nos quadris e um sorriso estúpido, parecia satisfeito, como se tivesse encontrado uma solução perfeita para uma situação tão complicada.

Um tipo primitivo que de tudo o que haviam lhe ensinado retinha apenas uma coisa: que podia bater.

Mas mesmo nesta criatura algo se quebrou. Isso foi há cerca de um mês. Ambos estavam sentados: ele e K. na entrada da prisão. K. lhe explicou a situação. Demorou muito, muito tempo até que Smetonz pudesse entender, embora vagamente. Ele se levantou, abriu a porta e olhou cautelosamente para o corredor: silêncio absoluto, noite, a prisão dormia. Fechou a porta, colocou a corrente de segurança e desmoronou lentamente em uma cadeira.

— Então, é mesmo assim...?

[18] “Alto lá, homem”.

Tomou a cabeça nas mãos. Um fardo terrível caiu no minúsculo coração de um corpo tão grande. Ele ficou assim por um longo tempo, sobrecarregado. Então, levantou a cabeça e disse desesperadamente:

— Tem razão. Já não podemos ganhar...

Já faz um mês que a prisão de Pankrák não sabe mais o que é o ouvir o grito de guerra de Smetonz. E os presos novos já não sabem o que é sua mão.

O diretor da prisão

Bastante pequeno e sempre elegante, tanto à paisana quanto no uniforme de *Untersturmführer*[19]. Satisfeito consigo mesmo, apaixonado por luxo, cachorros, caça e mulheres. Mas este é um aspecto que não importa para nós.

Vejamos o outro, aquele que Pankrác conhece: típico carreirista nazista brutal, rude e inculto, pronto para sacrificar todos para manter sua posição. Seu nome é Soppa - caso o nome o interesse - e é oriundo da Polônia. Terminou seu aprendizado como ferreiro, mas essa profissão honrosa lhe passou sem consequências. Há muito tempo entrou no serviço de Hitler. Intrometido e falador, avançou para sua posição atual. Defende-a com todos os meios. É cruel e impiedoso com todos, tanto com prisioneiros como com empregados, tanto com crianças quanto com idosos.

Não existem relações amigáveis entre os funcionários do nazismo em Pankrác. Mas em ninguém isso é tão válido quanto no caso de Soppa, que não tem sequer uma sombra de amizade. O único que ele gosta um pouco e fala com mais frequência é o enfermeiro da prisão, o *Polizeimeister Weisner*. Mas parece que essa sombra de amizade não é mútua.

Não conhece ninguém além de si mesmo. Conquistou sua posição de diretor sozinho e será fiel ao regime nazista até o último momento. É talvez o único que não pensa, de uma forma ou de outra, em salvar a si mesmo. Ele sabe que não há salvação para si. A queda do nazismo é sua própria queda, é o fim de sua vida sumptuosa, o fim de seu apartamento de luxo, o fim de sua elegância. (É tão inescrupuloso que veste as roupas dos checos executados).

E nada mais. Pois é.

[19] Oficial da S.S que equivale ao grau de segundo-tenente.

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

O enfermeiro da prisão

O *Polizeimeister Weisner* é uma figurinha especial no meio de Pankrác. Às vezes, dá a impressão de que não pertence a Pankrác, mas às vezes não se pode imaginar Pankrác sem ele. Quando não está na enfermaria, se move pelos corredores com seus passinhos, balançando-se, falando sozinho e observando, sempre observando. Como um estranho que só veio por um momento e queria ter o maior número possível de impressões. Ele sabe como colocar a chave na fechadura e abrir rapidamente, sem barulho, como o guarda de segurança mais experiente. Tem uma ironia seca, o que lhe permite dizer coisas de duplo sentido, mas sempre sem se comprometer. Não se pode agarrá-lo por suas palavras. Ele se aproxima das pessoas, mas não permite que ninguém se aproxime dele. Não tem histórias para contar, não faz denúncias, embora veja muito. Entra na cela cheia de fumaça de fumo. Respira fundo e

— *Ejem...!* — faz soar a língua tossindo — ... está terminantemente proibido... — tosse outra vez — ... fumar na cela.

Mas não denuncia. Seu rosto está sempre enrugado, como um homem infeliz torturado por um grande sofrimento. É claro que ele não quer ter nada em comum com o regime que serve, cujas vítimas cuida todos os dias. Não acredita neste regime. Não acredita em sua duração definitiva, nem jamais acreditou antes. Por esse motivo, não mudou sua família de Bresiau para Praga, embora poucos funcionários do Reich tenham perdido uma ocasião como essa para devorar os fundos de um país ocupado. Mas também não é capaz de ter algo em comum com as pessoas que lutam contra o regime. Não se juntou ao povo.

Cuidou de mim diligente e honestamente. Faz o mesmo na maioria dos casos. Sabe insistir teimosamente na proibição de transferir prisioneiros destroçados pela tortura para outros interrogatórios. Talvez faça isso para acalmar sua consciência. Outras vezes, porém, não ajuda nos casos em que é urgentemente necessário. Talvez porque o medo o impede.

É o protótipo do sujeito mesquinho. É isolado, entre o medo do regime que o administra agora e o medo do que virá depois. Busca como e onde sair dessa situação. Mas não há saída. Não é uma ratazana, isso não. É apenas um ratinho preso na ratoeira. Sem esperança.

“O preguiçoso”

Não é uma figurinha. Nem chega a ser uma figura completa. É um tipo intermediário entre elas. Não tem uma pretensão clara de se tornar uma figura.

Na verdade, existem dois deles desse tipo: pessoas simples, sensíveis, passivas a princípio, impressionadas com o terror, com o qual se misturam e com o qual tentam sair: sem iniciativa e, portanto, sempre buscando apoio, chegando a um bom lugar mais por instinto do que conhecimento. Eles o ajudam porque esperam sua ajuda. E é justo lhes dar. Agora e no futuro.

Esses dois - os únicos entre os oficiais alemães de Pankrác - também estiveram no fronte:

Hanauer, um alfaiate de Znojmo, retornou após uma curta estadia na frente oriental, com alguns membros intencionalmente congelados. “A guerra não é para os homens”, ele filosofou, um pouco como Svejek. “Não perdi nada lá.”

O outro, Höfer, um alegre sapateiro de Bata, fez campanha na França e abandonou o serviço militar, apesar da promessa de promoção. “*Ech, scheisse*!”[20], ele diz, fazendo um gesto de desdém com a mão, como faz sempre que está chateado.

Eles se parecem um ao outro por seu destino e humor. Mas Höfer é mais corajoso, mais educado, mais completo. “O preguiçoso” era o apelido que quase todas as células haviam concordado em lhe dar.

O dia de seu serviço é um dia de tranquilidade nas celas. Se faz o que quer. E se ele grita, pisca para ti para que saiba que faz isso apenas porque um superior está o obrigando e deve convencê-lo de que os regulamentos são rigorosamente cumpridos. De resto, seus esforços são em vão; ele não convence mais ninguém e nem passa um dia sem que seja punido.

— *Ech, scheisse*! — ele diz, gesticulando com a mão. E continua seu jogo. Ele é, mais do que um vigilante, um jovem aprendiz de sapateiro com caráter fugaz. Se pode surpreendê-lo, brincando alegremente e apaixonadamente com os jovens prisioneiros da cela com as moedas, para ver quem as joga mais perto da parede. Outras vezes, expulsa os presos da cela e

[20] “Estou cagando nisso...”

os leva para o corredor, para realizar uma “busca”. Isso geralmente dura muito tempo. Se se é muito curioso e o olha da cela, o encontrará sentado à mesa, com a cabeça nas mãos, dormindo. Dormindo com uma calma voluptuosa. Para que possa se esconder de seus superiores. Pois os presos no corredor observam e anunciam quando algum perigo se aproxima. Tem necessidade de dormir durante o serviço, porque de noite, em vez de dormir, fica com uma garota que ele ama acima de tudo.

A derrota ou vitória do fascismo? *Ech, sheisse*! Por acaso esse circo pode durar muito?

Ele não se considera parte disso. Só por esse fato seria interessante. Mas ainda há mais: não quer pertencer a ele. E não pertence. Precisas transmitir uma mensagem escrita para outra seção da prisão? “O preguiçoso” se encarrega disso. Precisas enviar uma mensagem para fora? “O preguiçoso” está no comando. Precisas encontrar alguém porque, conversando, pode convencê-lo a não falar e, assim, salvar outras pessoas? “O preguiçoso” te leva à cela e assiste com a alegria de um garoto que fez uma boa travessura. A prudência é frequentemente recomendada. No meio do perigo, ele quase não percebe. Não tem plena consciência do alcance de todo o bem que faz. Isso o encoraja a fazer ainda mais. Mas o impede de crescer.

Ainda não é uma figura. Mas está no período de transição que leva a isso.

Kolín

Era uma tarde, durante o estado de sítio. O vigilante com o uniforme da S.S que me levava à cela fez um gesto de revistar meus bolsos.

— O que está havendo contigo? — me sussurrou.

— Não sei. Me disseram que amanhã serei fuzilado.

— Isso te impressiona?

— Contava com isso.

Por um momento roçou mecanicamente as lapelas da minha camisa.

É possível que o façam. Se não amanhã, mais tarde. O talvez não. Mas nos tempos atuais... é bom estar preparado.

E ficou calado de novo.

— ... Mas por via das dúvidas ... se você quiser enviar uma mensagem para alguém... ou se você quiser escrever... Agora não, entendeu? Mas para o futuro: como chegou aqui, se alguém o traiu, que comportamento via neste ou naquele... Para que tudo o que sabe não vá com contigo...

Se eu quero escrever? Como se ele tivesse adivinhado meu desejo mais fervoroso. Depois de um momento, me trouxe papel e lápis. Os escondi cuidadosamente para que nenhum registro pudesse ser encontrado.

E eu nunca os toquei.

Era bom demais, não podia ter confiança. Bom demais: encontrar aqui, nesta casa sombria, algumas semanas após tua prisão, um amigo que, no mesmo uniforme daqueles que não têm para ti nada além de gritos e socos, te oferece a mão para que não pereças sem deixar vestígios, para que possas deixar uma mensagem para os homens do futuro, para que possas falar, pelo menos por um instante, com aqueles que sobreviverão e alcançarão a libertação. E precisamente agora! Nos corredores, chamam pelos nomes aqueles que serão executados, o sangue embebeda as bestas, os gritos de um animal e o medo oprimem as gargantas daqueles que não podem gritar. Precisamente agora, em um momento desses... Não, não é possível. Isso não pode ser verdade. É certamente uma armadilha. Que força um homem pode ter para estender-te a mão espontaneamente sob circunstâncias como estas! E que audácia!

Quase um mês se passou. O estado de sítio foi suspenso, os gritos são mais fracos e os momentos cruéis se tornaram lembranças. E era novamente à tarde quando voltei do interrogatório, e o mesmo vigilante apareceu na frente da minha cela.

— Parece que conseguiu escapar. Como foi? – Ele olhou para mim com olhos perscrutadores – Estava tudo em ordem? – Compreendi bem sua pergunta. Me afetou profundamente. E me convenceu, mais do que qualquer outra coisa, de sua honestidade. Somente um homem que tem o direito interno de fazê-la poderia perguntar algo assim. Desde então, confiei nele. Era um homem nosso.

À primeira vista uma pessoa enigmática. Andava sozinho, reservado, alerta, observador; Jamais o ouvia gritar. Jamais o via bater.

Os camaradas da cela vizinha lhe rogavam:

— Me espanque, por favor, quando Smetonz olhar para cá. É preciso que te vejam em serviço pelo menos uma vez.

Negando com a cabeça lhe dizia:

— Não é necessário.

Nunca o ouvia falar outro idioma que não o checo. Tudo nele indicava que era diferente dos outros. Dificilmente poderia ter definido o por quê. Até eles mesmos percebiam, mas nunca conseguiam entender.

Está em todo lugar onde se precisa dele. Leva calma onde reina a confusão; dá coragem àqueles que abaixam a cabeça; costura os fios que colocam em perigo novas pessoas de fora. Não se detém em detalhes. Trabalha sistematicamente e em grande escala.

E não só agora. Desde o começo. Ele entrou ao serviço do nazismo com essa tarefa.

Adolf Kolínsky, vigilante checo nascido na Morávia; homem checo de uma tradicional família tcheca. Se declarou alemão para vigiar prisioneiros checos em Hradec Králové e depois em Pankrác. Que indignação entre aqueles que o conheciam! Porém, quatro anos depois, o diretor alemão da prisão, sacudindo violentamente os punhos diante de seus olhos, o ameaça, um pouco tarde demais:

— Vou arrancar-lhe do corpo esse “chequismo”!

Desde já se equivoca. Não é só o “chequismo”. Teria que arrancar dele a própria vida. À vida que consciente e voluntariamente marchou ao lugar exato para combater e ajudar os que combatem. O contínuo perigo só o deixou mais forte.

“Os nossos”

Se na manhã de 11 de fevereiro de 1943 tivessem nos trazido cacau para o café da manhã, em vez da infame mistura que nos deram, não teríamos prestado atenção a esse milagre. Naquela manhã, o uniforme de um policial checo passou por nossa porta.

Nós só o vimos por um momento. Um passo, duas pernas pretas em botas altas, uma mão saindo de uma manga azul marinho. A mão puxou a fechadura, abriu a porta e desapareceu. Foi tão rápido que, quinze minutos depois, estávamos disposto a não acreditar.

Um policial checo em Pankrác! Que conclusões de longo alcance poderíamos tirar disso!

Duas horas depois, já estávamos fazendo. A porta da cela se abriu novamente, um capacete da polícia checa espiou lá dentro e, para nosso espanto, a boca alegre anunciou:

— *Freistunde*[21]!

Não tinha mais erro. Entre os uniformes cinza-esverdeados dos vigilantes da S.S, alguns pontos escuros apareceram nos corredores que pareciam cheios de luz: eram os policiais checos.

O que isso significa para nós? Como será que eles serão? Seja como for, o fato de sua presença fala com muita clareza: quão rapidamente o regime está chegando ao fim que, mesmo em seu organismo mais sensível, com o único apoio que tem no aparato de repressão, se vê forçado a enquadrar homens do povo que ele quer oprimir! Que falta terrível de material humano se deve ter quando enfraquece sua última esperança para conquistar alguns indivíduos. Quanto tempo pretende sustentar-se ainda?

Certamente serão homens especialmente selecionados. Talvez sejam piores que os vigilantes alemães, já desmoralizados pelo hábito e pela falta de fé na vitória. Mas essa realidade, a realidade de sua presença aqui, é o sinal infalível do fim.

Assim nós pensamos.

Mas era ainda mais do que pensamos no primeiro momento. Porque o regime já não podia escolher, não tinha onde selecionar.

Em onze de fevereiro vimos pela primeira vez os uniformes checos.

Na manhã seguinte começamos a conhecê-los.

[21] "Hora do recreio".

O primeiro chegou, olhou a cela, se deteve indeciso no umbral e depois – com a mesma energia caprichosa que um cabrito salta no ar com as quatro patas de uma vez – disse com uma audácia repentina:

— Pois bem, como vão, senhores?

Respondemos com um sorriso. Ele também sorriu e adotou de novo um ar indeciso:

— Não fiquem zangados conosco. Tenham certeza que preferíamos continuar passeando na rua do que ficar aqui vigiando-os. Mas fomos obrigados. E pode ser... pode ser que isto sirva para algo bom.

Se alegrou quando lhe dissemos o que pensávamos e como o encarávamos. E assim nos tornamos amigos desde o primeiro momento. Vítek era um garoto simples, com um coração de ouro, que apareceu pela primeira vez na porta da nossa cela naquela manhã.

O outro, Tuma, é um típico velho guarda prisional checo. Um pouco grosseiro, gritador, mas bom de coração, como aqueles a quem chamávamos de "padrastos" nas prisões da Primeira República. Não percebia o excepcional de sua situação. Pelo contrário, se sentiu aqui, imediatamente, como em sua própria casa: sempre fazendo brincadeiras e mantendo muito bem uma ordem que era ele o primeiro a perturbar. Aqui colocava o pão na cela, ali um cigarro, no outro começava uma conversa engraçada sobre qualquer assunto, exceto política. Fez tudo isso naturalmente. Era sua concepção pessoal do papel de vigia. Não o escondia. O primeiro chamado de atenção recebido por seu comportamento o deixou mais cauteloso, mas não mudou. Seguiu sendo o vigilante-padrasto.

Não se ousaria pedir-lhe algo importante. Mas se respira bem quando está de serviço.

O terceiro pairava ao redor da cela com um ar sombrio e taciturno, sem interesse em nada. Não reagiu às nossas tentativas cautelosas de fazer contato.

Com este não tivemos muita sorte. É o menos bem sucedido deles, disse o "pai", depois de observá-lo por uma semana.

— Ou o mais inteligente — eu disse, mas por espírito de contradição. Pois duas opiniões sobre as coisas insignificantes são o sal da vida na cela.

Depois de quinze dias, tive a impressão de que o taciturno piscou mais intensamente para mim. Lhe devolvi uma fraca piscadela, o que na prisão tem muitos significados. E novamente nada. Eu poderia estar errado. Um mês depois, tudo estava claro. Foi algo tão repentino quanto quando a borboleta sai do casulo. O casulo áspero estourou e uma criatura viva apareceu: mas não era uma borboleta. Era um homem.

— Ergues pequenos monumentos – dizia-me o pai sobre algumas descrições destes personagens.

Sim, desejo que os camaradas que aqui e no exterior lutaram bravamente e fielmente e que caíram não sejam esquecidos. Mas também desejo que aqueles que vivem e nos ajudaram, com menos fidelidade e coragem, nas condições mais difíceis, não sejam esquecidos. Que personalidades como Kolínsky e esse policial checo levantem-se da sombra dos corredores de Pankrác. Não para sua glória, mas para servir de exemplo para outros. Pois o dever humano não termina com essa luta e ser homem exigirá, também no futuro, um coração heroico, até que os homens sejam plenamente homens.

No fundo, é uma história muito breve a do policial Jaroslav Hora. A história de um homem de corpo inteiro.

Região de Radnice. Um canto perdido do país. Região bonita, pobre e triste. O pai é um fabricante de vidro. A vida, dura: fadiga quando há trabalho e miséria quando chega o desemprego, que reina por ali, bem como em sua própria casa. Isso ou te esmaga ou te faz erguer a cabeça e sonhar com uma vida melhor, te infundindo fé e te levando a lutar por ela. O pai escolheu o segundo caminho. Se tornou comunista.

O jovem Jaroslav pedalava entre outros ciclistas no comício de Primeiro de Maio. As rodas são decoradas com fitas vermelhas. Depois, ele carregará essas fitas vermelhas profundamente dentro de si mesmo, talvez sem perceber, durante seu aprendizado na fábrica de Skoda, onde começa a trabalhar.

A crise, a greve, a guerra, a perspectiva de um emprego, o serviço policial. Não sei o que aconteceu com aquelas fitas vermelhas que carregava por dentro: elas podem ter permanecido enroladas, meio esquecidas, mas não perdidas.

Um dia foi designado para servir em Pankrác. Não veio aqui voluntariamente como Kolínsky, com uma missão previamente estabelecida por si mesmo. Mas tomou consciência de tal missão quando olhou para uma cela pela primeira vez. As fitas vermelhas se desdobram.

Examine seu campo de ação. Meça sua força. Seu rosto se perturba quando reflete muito sobre como e por onde começar. Ele não é um político profissional. É um simples filho do povo. Mas tem a experiência de seu pai. Tem um histórico sólido no qual suas decisões são baseadas. E se decidindo. Um homem está emergindo do casulo carrancuda.

E é um homem internamente belo, limpo e puro, como poucos são. Sensível, tímido e ao mesmo tempo viril. Arrisca tudo o que há para arriscar: pequenas coisas e grandes coisas. E faz: pequenas coisas e grandes coisas. Trabalha sem presunção, silenciosamente, prudentemente, mas sem medo. Para ele, tudo está claro. O imperativo categórico. Isso deve ser feito assim. Então, para que mais palavras?

Propriamente dito, é isso. A história de uma pessoa que já pode escrever em seu crédito várias vidas humanas salvas. Essas pessoas vivem e trabalham mundo afora porque um homem de Pankrác cumpriu seu dever humano. Elas o ignoram e ele não as conhece. Também não conhecem Kolínsky. Quero que meus leitores os conheçam, nem que seja mais tarde. Aqueles dois rapidamente encontraram aqui o caminho que levou-os um ao outro. E isso multiplicou suas esperanças.

Use-os como um exemplo. Como o exemplo de alguns homens que têm a cabeça em seu devido lugar. E, mais ainda, o seu coração.

Pai Skorepa

Quando, por acaso, via-se os três juntos, via-se a imagem viva da fraternidade: o uniforme cinza-esverdeado do vigilante Kolínsky, o uniforme escuro do policial checo Hora e o uniforme leve, porém desagradável, dos prisioneiros de plantão nos corredores do Pai Skorepa. Mas raramente os via-se juntos. Muito poucas. Precisamente porque os três eram um.

Os regulamentos penitenciários permitem o uso de corredores para trabalhos de limpeza e para levar as refeições “apenas para prisioneiros que são seguros, disciplinados e rigorosamente isolados dos outros”. Isso está de acordo com a letra do regulamento. Letra morta, completamente morta de antemão. Porque esses homens de serviço não existem e nunca

existiram. E acima de tudo, não nas prisões da Gestapo. Aqui, pelo contrário, os responsáveis pelos corredores são antenas avançadas da comunidade das celas para viver mais perto do mundo livre e se comunicar com a vida fora da prisão. Quantos deles pagaram com a vida pela descoberta de uma mensagem clandestina entre suas roupas. E, no entanto, a lei coletiva da prisão exige insistentemente que seus substitutos continuem esse trabalho perigoso. Em frente: com coragem ou medo, é precisa fazê-lo. Embora possa-se destruir muito com o medo, pode-se até perder tudo, como em qualquer trabalho ilegal.

É um trabalho ilegal muito importante: se realiza entre as garras de quem tenta impedi-lo, sob os olhos dos vigilantes, nos locais designados por eles, durante os segundos escolhidos por eles e nas condições por eles criadas. Tudo o que aprendemos lá fora é pouco aqui. No entanto, o trabalho ilegal na prisão se exige ainda mais.

Lá fora há professores de trabalho ilegal. E há professores deste trabalho entre os responsáveis pelos corredores. Pai Skorepa é professor nesse tipo de atividade. Modesto, humilde, calmo à primeira vista, mas vivo como um peixe. Os vigias o elogiam. “Olhe para ele: que trabalhador, que seguro, como cumpre seu dever sem ser arrastado para algo proibido! Tomemos ele como exemplo!”, diziam os demais responsáveis do corredor. Sim, sigam o exemplo dele, responsável pelos corredores. É o verdadeiro modelo de responsável imaginado pelos prisioneiros. A mais firme e sensível das antenas da comunidade prisional. Ele conhece a população das celas, conhece cada novo prisioneiro desde o momento de sua chegada. Sabe por que estão aqui, quem são seus parceiros de processo e qual comportamento eles têm. Estuda o caso e tenta penetrar em seus segredos. Isso é muito importante para poder dar conselhos ou transmitir bem uma mensagem.

Conhece o inimigo. Observa cuidadosamente cada vigilante. Estuda seus costumes, seu lado forte e seu lado fraco: em quais aspectos é necessário notificá-lo e em quais questões pode ser aproveitado: como domá-lo, como enganá-lo. Muitos dos recursos característicos usados por mim foram fornecidos por Pai Skorepa. Conhecia todos eles. Poderia descrever cada um perfeitamente. Isso é muito importante para poder ter liberdade de movimento nos corredores e fazer um trabalho seguro e eficaz.

Acima de tudo, conhece seu dever. É um comunista que sabe que não há lugar onde possa deixar de ser um, onde possa cruzar os braços e abandonar-se à inatividade. Eu diria,

inclusive, que aqui, sob o maior perigo e sob a maior pressão, encontrou seu verdadeiro lugar. Aqui cresceu.

É ágil. Todo dia e toda hora cria uma nova situação e precisa de novos métodos. As encontra astutamente e com rapidez. Dispõe de frações de minutos: bate à porta da cela, ouve a mensagem preparada com antecedência e a transmite de maneira concisa e clara para o outro ponto do corredor, antes que o novo guarda de plantão suba ao primeiro andar. Ele é prudente e tem uma grande presença de espírito. Centenas de mensagens escritas passaram por suas mãos. Ninguém foi retido nem jamais levantou suspeitas.

Sabe onde o sapato de todo mundo aperta. Sabe onde elevar a moral, onde dar um relatório preciso sobre a situação lá fora, onde os olhares paternos em seus olhos podem dar força ao homem assolado pelo desespero. Sabe onde um pedaço de pão ou uma tigela de sopa suplementar pode te fazer esquecer a "fome criminosa". Sabe disso graças a seu bom senso e sólida experiência, e age de acordo.

É um lutador forte e destemido. É um homem puro. É o Pai Skorepa.

Enquanto ler isso, gostaria que visse nele não apenas sua pessoa, mas o tipo perfeito e acabado de *hausarbeiter*[22] que conseguiu transformar o trabalho imposto pelos opressores em trabalho para o benefício dos oprimidos. Pai Skorépa é único, mas, como ele, existem muitos outros, cada um com suas próprias características humanas, não menores, nem maiores. Tanto em Pankrác quanto no Palácio Petschek. Gostaria de falar mais de suas figuras, mas infelizmente tenho apenas algumas horas, muito poucas para "uma música que conte brevemente tudo o que é vivido em muito tempo".

Pelo menos vou dar alguns nomes, alguns exemplos que não devem ser esquecidos, embora de longe isso não seja tudo:

Dr. Milos Nedved, um homem nobre e generoso, que pagou com a vida em Auschwitz por sua ajuda diária aos camaradas encarcerados. Arnost Lorenz, um homem cujo parceiro foi executado por não querer cometer traição e que, um ano depois, morreu sozinho para salvar seus companheiros, os ordenanças da "400" e todo seu coletivo.

[22] Preso que presta serviço nos corredores.

Vasek, magnífico e cheio de um humor inalterável; Anka Viková, introvertida, sempre pronta para o sacrifício, executada durante o estado de sítio; o enérgico...[23]; o "bibliotecário" Springer, alegre e inteligente, sempre procurando novos métodos; e os jovens e afetuosos Bílek...

Tão somente alguns exemplos. Figuras maiores ou menores. Mas sempre figuras. Nunca figurinhas.

[23] Em branco, no original.

A VERDADE
UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO
www.averdade.org.br

Capítulo VIII: Um pouco de história

O dia 9 de junho de 1943.

Um cinto está pendurado na frente da minha cela. Meu cinto. O sinal de partida. À noite vão me levar ao Reich, ao tribunal, etc. Etcétera! O tempo de fome arranca os últimos pedaços que restam da minha vida. Quatrocentos e onze dias em Pankrác, que passaram com uma velocidade incrível. Quantos ainda tenho? Onde? E como?

Certamente não terei mais a oportunidade de escrever. Aqui está, então, meu último testemunho. Um pedaço da história, da qual eu sou, sem dúvida, a última testemunha viva.

Em fevereiro de 1941, os membros do Comitê Central do Partido Comunista da Checoslováquia e os do comitê de reserva preparados para tão graves momentos foram presos. Ainda não está claro o suficiente como foi possível dar um golpe tão duro ao Partido. Talvez os comissários da Gestapo digam algo no futuro, quando forem interrogados. Em vão, esforcei-me, mesmo trabalhando nos corredores do Palácio de Petschek, para descobrir a solução para esse quebra-cabeça. Sem dúvida, houve provocação, por um lado, mas também muita imprudência. Dois anos de trabalho ilegal bem-sucedido enfraqueceram um pouco a vigilância dos camaradas. A organização ilegal estava se espalhando. Novos camaradas foram incorporados ao trabalho e alguns deles tiveram que ser afastados até outro momento. O aparato do partido foi expandido e complicado a ponto de ser incapaz de controlar. O golpe contra o Comitê Central estava visivelmente preparado por um longo tempo e foi realizado no momento em que o ataque contra a U.R.S.S estava pronto.

A princípio, não conhecia a amplitude das prisões. Esperava meu contato normal, sem ser capaz de fazê-lo. Um mês depois, já estava claro que algo grande havia acontecido e que eu não deveria apenas esperar. Então, eu procurei o meu contato e os outros também.

O primeiro que encontrei foi Honza Vyskocil, responsável pela região da Boêmia Central. Ele teve iniciativas e já havia preparado o material necessário para editar o Rudé Právo, para que o Partido não carecesse de seu órgão central. Escrevi o editorial na época, mas

concordamos em publicar os artigos (que eu não conhecia) em um boletim do dia de maio e não como a manchete do Rudé Právo, pois o jornal já havia feito uma edição especial.

Alguns meses de trabalho desorganizado chegaram. O Partido sofreu um duro golpe, mas não um golpe fatal. Centenas de novos camaradas estavam se juntando à luta, para substituir os líderes caídos. Os novos camaradas chegaram totalmente dispostos a impedir a desintegração ou passividade da organização. Somente o Comitê Central não pôde ser reconstruído e a falta de orientação no trabalho representou um grande perigo: o perigo de que, no momento mais importante, o do esperado ataque contra a U.R.S.S, não teríamos uma linha de conduta comum.

No Rudé Právo, editado ainda sem controle suficiente e cujas páginas eu tinha diante de mim, reconheci uma mão política esperta em um artigo. Em nosso boletim do dia de maio, que infelizmente não foi totalmente terminado, os outros editores escutaram uma voz em que se podia confiar. E nós procuramo-nos um pelo outro.

Mas eram buscas em uma floresta intrincada. Ouvimos uma voz, a seguimos e quando estávamos prestes a alcançá-la, ela foi ouvida exatamente do lado oposto. A dura perda ensinou todo o Partido a ser mais prudente, mais vigilante. Dois membros do aparato central do Partido que desejavam se encontrar teriam que parecer completamente transparentes através dos intermináveis obstáculos e sondagens mútuas das partes interessadas e encarregadas de estabelecer contato. Era muito mais complicado, porque eu não sabia quem estava do outro lado e o outro não sabia quem eu estava procurando.

Finalmente encontramos o denominador comum. Ele era um garoto magnífico: o dr. Milos Nedvéd, que foi nosso primeiro contato. Também houve um pouco de coincidência nisso. Em meados de junho de 41, adoeci e enviei Lída à casa de Nedvéd para que ele pudesse vir e cuidar de mim. Ele foi imediatamente para a casa dos Baxa. E aí firmamos o acordo. Ele também estava encarregado de procurar "aquele outro", mas não fazia ideia de que era eu. Pelo contrário, estava - como todo mundo do outro lado - convencido de que eu havia sido preso e provavelmente assassinado.

Em 22 de junho de 1941, Hitler iniciou sua agressão contra a União Soviética. Na mesma tarde, com Honza Vyskocil, publicamos um pequeno manifesto explicando o significado que esse evento tinha para nós. Em 30 de junho, conduzi uma entrevista com quem

procurava há tanto tempo. Ele veio a uma casa designada por mim porque já sabia quem iria encontrar. Eu, na época, ainda não sabia. Foi uma noite de verão. O perfume das acácias veio pela janela aberta. A atmosfera era bastante propícia a um encontro de amantes. Cobrimos a janela, acendemos a luz e nos abraçamos. Era Honza Zika.

Isso significa que em fevereiro de 1941 o Comitê Central não havia sido totalmente detido. Apenas um de seus membros, Zika, se salvou. Eu o conhecia e o amava há muito tempo. Mas, na verdade, não o conheci até o momento em que trabalhamos juntos. Gordo, sempre sorrindo, pouco saudável. E firme, inimigo dos traidores, militante intrépido e determinado no trabalho do Partido. Ele não sabia e não queria saber nada além de seu dever. Para cumpri-lo, se abstinha de tudo. Amava as pessoas e as pessoas o amavam. Mas nunca ganhou esse carinho fechando os olhos para as fraquezas. Firmamos nosso acordo em alguns minutos. E alguns dias depois, também conheci o terceiro membro da nova administração. Era Honza Cerny, que desde maio já estava em contato com Zika. Esbelto, elegante, muito amigável com as pessoas, um ex-combatente na Espanha, de onde havia retornado durante a guerra através da Alemanha nazista com os pulmões perfurados por uma bala de fuzil, conhecimentos militares, uma rica experiência ilegal e uma mente sempre cheia de iniciativas.

Meses de luta feroz nos uniram em uma camaradagem infalível. Nós nos completávamos por nossos caráters e nosso conhecimento. Zika: organizador, objetivo, extremamente preciso, que não se confundia com palavras bonitas, que lia cada relatório, examinando-o detalhadamente, analisando cada proposição de todos os aspectos e que gentilmente, mas com firmeza, controlava a execução de cada acordo. Cerny: especialista em sabotagem e nos preparativos para a luta armada, sempre refletia em termos militares, um homem de iniciativa e escopo, com determinação, incansável e hábil na busca de novas formas de luta e novos quadros. E eu: jornalista, agitpop[24], que contava com meu faro, muita fantasia e também um grande senso crítico para equilibrá-la.

A distribuição de tarefas era mais uma distribuição de responsabilidades do que de trabalhos. Cada um era obrigado a lidar independentemente de tudo e em todas as partes onde era necessário. O trabalho não era fácil. As feridas infligidas ao Partido em fevereiro ainda estavam abertas e nunca foram totalmente curadas. Todos os contatos foram interrompidos.

[24] Agitação e propaganda.

Setores inteiros haviam caído em alguns lugares; em outros, tínhamos bons quadros, mas não conseguimos encontrar o caminho para alcançá-los. Organizações inteiras, empresas inteiras estiveram isoladas por meses, antes do contato ser restabelecido. E tínhamos que garantir pelo menos a chegada em suas mãos do órgão central, para que eles seguissem suas diretrizes. Não tínhamos pontos de apoio e não podíamos usar os antigos porque eles poderiam estar ameaçados. No começo, estávamos com pouco dinheiro, era difícil estocar comida, tivemos que começar muitas coisas novamente...

E tudo isso em um momento em que o Partido não tinha mais tempo para se reconstruir e se preparar. Era o momento do ataque contra a U.R.S.S, e o Partido tinha o dever de intervir diretamente na luta, organizando a frente interna contra os ocupantes, mobilizando os guerrilheiros contra eles, realizando tudo isso não apenas com suas próprias forças, mas com a participação de toda a cidade. Durante os anos de preparação, de 1939 a 1941, o Partido se escondeu profundamente diante da polícia alemã e do povo. Agora, ensanguentado, teve que aperfeiçoar e intensificar a luta ilegal contra os ocupantes, mas ao mesmo tempo teve que sair da ilegalidade diante do povo. Teve que estabelecer contatos com as massas sem partido, abordar todo o povo, lidar com cada um daqueles que estavam dispostos a lutar pela liberdade e, com sua intervenção direta, atrair esse caminho para aqueles que ainda vacilavam.

No início de setembro de 1941, pudemos dizer pela primeira vez, embora ainda não tivéssemos conseguido restabelecer a organização tão gravemente atingida - ainda estávamos longe disso - que já tínhamos um núcleo forte organizado, capaz de realizar tarefas importantes por si só. A intervenção do Partido foi imediatamente sentida. Sabotagens e greves nas fábricas se multiplicavam. No final de setembro, Heydrich foi enviado contra nós.

O primeiro estado de sítio não conseguiu romper a intensificação da resistência ativa. No entanto, freou e deu novos golpes ao Partido. A região de Praga e a organização da juventude foram especialmente castigadas. Novos militantes caíram, de grande valor para o Partido: Jan Krejcí, Stand, Milos Krásny e muitos outros.

Após cada golpe, podia se ver que o Partido é indestrutível. Um militante caiu e se outro não pudesse substituí-lo, dois ou três ocupariam seu posto. Entramos no novo ano com uma organização bem preparada e abrangente - nem assim tinha a amplitude de fevereiro de 1941 - mas, apesar disso, era capaz de cumprir as tarefas do Partido em batalhas decisivas.

Distribuímos o trabalho entre todos nós. Mas o crédito pelo que foi alcançado foi especialmente para Honza Zika.

De nossa atividade pela imprensa, se poderá encontrar documentos suficientes os porões, nos sótãos e nos arquivos secretos dos camaradas. Portanto, não há necessidade de falar sobre isso.

Nossa imprensa foi amplamente divulgada, não apenas na mídia do Partido, mas também fora dela. Fizemos grandes tiragens, usando várias técnicas ilegais. As publicações eram completamente independentes umas das outras e eram tiradas em duplicação ou impressão. Eram regulares e rápidas, de acordo com a situação. Por exemplo, na tarde de 24 de fevereiro, o texto da ordem do dia dada ao exército pelo Marechal Stalin em 23 de fevereiro de 1942 já estava nas mãos dos leitores.

Os impressores trabalhavam perfeitamente. Os médicos também obtiveram excelentes resultados, bem como o grupo de Fuchs-Lorenz, que publicou seu boletim informativo: “O mundo contra Hitler”. Todo o demais eu fiz para liberar outros quadros. Meu substituto foi preparado caso eu caísse. Ele assumiu as tarefas após a minha prisão e continua a trabalhar até hoje.

Construímos o aparato do Partido da maneira mais simples possível, com o objetivo de confiar cada tarefa a um mínimo de camaradas. Removemos as longas cadeias de contatos que, como demonstrado em fevereiro de 1941, não protegiam, mas ameaçavam o Partido. Havia mais perigo individual para cada um de nós, mas o Partido estava mais seguro. Nunca mais um golpe como o de fevereiro poderia se repetir.

É por esse motivo que o Comitê Central, concluído com um novo membro, pôde continuar seu trabalho com facilidade quando fui preso. Nem meu colaborador mais próximo sabia nada antes do tempo sobre meu futuro sucessor.

Honza Zika foi preso, também por acaso, na noite de 27 de maio de 1942. Na noite seguinte ao ataque a Heydrich, quando todo o esquadrão de ocupantes foi posto em ação invadindo Praga inteira, os nazistas entraram numa casa em Stresovice, onde Zika estava escondido. Sua documentação estava em ordem e certamente teria passado despercebida. Mas ele não queria pôr em risco a boa família em cuja casa estava hospedado e tentou escapar pela

janela do segundo andar. Caiu brutalmente, ferido na coluna vertebral e foi transferido para o hospital da prisão. Eles não sabiam quem estavam segurando. Apenas dezoito dias depois, comparando fotografias, o identificaram e ele foi transportado para o Palácio Petschek para interrogatório. Nos vimos pela última vez quando me chamaram para a tortura. Apertamos as mãos. Ele sorriu para mim com seu sorriso largo e amoroso e disse:

— Saúde, Julius.

Foi tudo o que o ouviram dizer. Não disse outra palavra. Depois de alguns golpes no rosto, perdeu a consciência. Algumas horas depois, estava morto.

Soube de sua prisão em 29 de maio. As antenas funcionaram bem. Graças a eles, me pus de acordo em relação ao meu curso de ação subsequente, a linha, que como um todo também foi aprovada por Honza Cerny. E essa foi a nossa última decisão.

Honza Cerny foi preso no verão de 1942, já não por acaso, mas por uma séria indisciplina de Jan Pokorny, que estava em contato com ele. A conduta de Pokorny não correspondeu à de um líder. Depois de algumas horas de interrogatório - um pouco duro, é verdade, mas ele poderia esperar mais alguma coisa? - entrou em pânico e deu o endereço da casa onde tinha um compromisso com Honza Cerny. Lá começaram a seguir a trilha de Honza. Alguns dias depois, também caiu nas mãos da Gestapo. Fomos confrontados assim que o trouxeram aqui:

— O conhece?

— Não, não o conheço.

As respostas coincidiam. Honza se recusou categoricamente a testemunhar. Sua antiga ferida poupou-lhe longas torturas. Em seguida, perdeu a consciência. Antes que os nazistas decidissem interrogá-lo novamente, foi minuciosamente informado e agiu de acordo.

Não tiraram nada dele. O mantiveram preso por um longo tempo. Esperaram muito, pensando que algum novo testemunho o faria falar. Estavam errados.

A prisão não o mudou. Ardente, feliz, corajoso, ofereceu aos outros as perspectivas da vida quando, diante dele, só havia a perspectiva da morte.

De repente, no final de abril de 1943, foi retirado de Pankrác. Não sei para onde. Aqui, um desaparecimento repentino é sempre sinistro. Posso estar errado, mas acho que não nos veremos novamente.

Sempre contamos com a morte. Nós sabíamos: cair nas mãos da Gestapo significa o fim. E aqui fizemos o que fizemos de acordo com essa convicção.

Também meu jogo está chegando ao fim. Não consigo descrevê-lo. Não o conheço. Não é mais um jogo. É a vida.

E na vida não há espectadores.

O telão se levanta.

Humanidade: eu vos amei. Estejam alerta!

Julius Fucik

9-VI-1943.